

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

JAIRO FERREIRA PINTO SOBRINHO

TECENDO AS TRAMAS DA HISTÓRIA PELOS FIOS DA MEMÓRIA: LUGARES DE
MEMÓRIA E FERRAMENTAS A TIRACOLO.

GOIÁS- 2021

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

☐	Tese	☐	Artigo Científico
☐	Dissertação	☐	Capítulo de Livro
☐	Monografia – Especialização	☐	Livro
☒	TCC - Graduação	☐	Trabalho Apresentado em Evento
☐	Produto Técnico	e	Educacional
			- Tipo:

Nome Completo do Autor: Jairo Ferreira Pinto Sobrinho

Matrícula: 20171100080310

Título do Trabalho: Tecendo as tramas da história pelos fios da memória: lugares de memória e ferramentas a tiracolo

Autorização - Marque uma das opções

1. (X) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- () O documento está sujeito a registro de patente.
- () O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
- () Outra justificativa:

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Cidade de Goiás 24 ____/____/2021____.



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS
LICENCIATURA EM ARTE VISUAIS

JAIRO FERREIRA PINTO SOBRINHO

TECENDO AS TRAMAS DA HISTÓRIA PELOS FIOS DA MEMÓRIA: LUGARES DE
MEMÓRIA E FERRAMENTAS A TIRACOLO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologias, Campus Cidade de Goiás, de acordo com requisito para a obtenção da licenciatura em artes visuais.

Orientação: Prof. Dr. Leandro Carvalho Damacena Neto.
Coorientação: Profa. Dr^a Ana Rita da Silva

GOIÁS- 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

745.509

P659t Pinto Sobrinho, Jairo Ferreira.

Tecendo as tramas da história pelos fios da memória: lugares de memória e ferramentas à tiracolo / Jairo Ferreira Pinto Sobrinho ; orientador, Leandro Carvalho Damacena Neto; coorientadora, Ana Rita da Silva – Cidade de Goiás, 2021.

107 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas Acadêmicas, Curso Licenciatura em Artes Visuais.

1. Memórias. 2. Profissão de artesão. 3. Políticas Públicas. I. Damacena Neto, Leandro Carvalho, orientador. II. Silva, Ana Rita da, coorientadora. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. IV. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

TERMO DE APROVAÇÃO

JAIRO FERREIRA PINTO SOBRINHO

TECENDO AS TRAMAS DA HISTÓRIA PELOS FIOS DA MEMÓRIA: LUGARES DE MEMÓRIA E FERRAMENTAS A TIRACOLO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de LICENCIADO EM ARTES VISUAIS e desenvolvido na linha de pesquisa Poéticas visuais e processos criativos, sob orientação do Prof. Dr. Leandro Carvalho Damacena Neto e coorientação da Profa. Dra. Ana Rita da Silva.

Aprovado em 10 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Leandro Carvalho Damacena Neto (Presidente - orientador)

(assinado eletronicamente)

Profa. Dra. Ana Rita da Silva (coorientadora)

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Flora Alves Ruiz (Membro Interno)

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Rosirene Rodrigues dos Santos (Membro Interno)

Documento assinado eletronicamente por:

- Rosirene Rodrigues dos Santos, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 12/02/2021 15:22:11.
- Flora Alves Ruiz, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 12/02/2021 11:42:52.
- Ana Rita da Silva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 12/02/2021 09:34:51.
- Leandro Carvalho Damacena Neto, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 12/02/2021 09:15:37.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 06/02/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 129142

Código de Autenticação: ca0032d122



RESUMO

O objetivo deste trabalho é desenvolver uma narrativa autobiográfica que situe o autor como testemunho de seu tempo, trazendo elementos de seus processos formativos e de atuação como artesão. Para desenvolver esse objetivo, a questão que conduz a pesquisa é: Como essa narrativa autobiográfica pode dar visibilidade à profissão do artesão no sentido de contextualizar e questionar suas políticas, contextos de formação, atuação e posicionamentos? Após as leituras de pesquisadores e estudiosos do gênero autobiografia, como Nora (1993), Pollak (1989), Caligaris (1998), Montenegro (2018) e outros autores, se propôs a empreender a jornada de escrever sobre memórias, lugares e ferramentas que estiveram presentes em suas profissões, forjando as habilidades de artesão e a necessidade de entender como o artesanato pode ser instrumento de servencialismo, exploração e oportunismo, mas também de independência e formação de identidades. A narrativa busca evidenciar como a passagem pela infância e os primeiros contatos com o artesanato moldaram seus anseios pela arte, e na maioria resolveu assumir a profissão, buscando compreender suas contradições e respostas para as questões que surgiam ao longo de sua trajetória. Ao recuperar esse percurso trilhou por lugares e lugares, alguns físicos, outros no recôndito das lembranças, despertados no exercício de lembrar. Perceber que o artesanato possui, além de seu valor financeiro e estético, seu valor enquanto cultura, transcende qualquer entendimento simplista. Há nele identidade, pertencimento, ancestralidade e muita contradição. Procura destacar ainda os aspectos políticos da formação como artesão, como a participação em algumas entidades da categoria, as quais não resistiram ao enfrentamento do artesanato enquanto cultura e sucumbiram no esquecimento ou no domínio paternalista e pelego. Buscar respostas levou o autor a voltar a estudar depois de quatro décadas, enxergando na educação a possibilidade de entender cientificamente o que leva uma comunidade a ir perdendo seu potencial cultural mediante as imposições estratégicas do mercado. Na academia foi possível compreender que o que presenciava e intuía nesse setor era um campo de disputas extremamente desleal e individual. A pandemia do COVID-19 e suas danosas consequências advinda do despreparo governamental de enfrenta-la causaram situações danosas que atingiram além da saúde da população, as suas condições de subsistência. Em tempo assim, a arte, não obstante possa ser um bálsamo nessas tenebrosas horas, seu fazedor vive as contradições de, quando mais necessita da arte para sobreviver, ouve o senso comum lhe atirar a frase: “Não se come arte”. E as instâncias oficiais chancelam isso, provocando um verdadeiro desmonte na cultura, não honrando editais e criando artesãos bibelôs para enfeitar suas agendas. A pandemia veio e desvelou um mundo imundo em suas decisões humanas, e infelizmente nosso país está na dianteira do desmando.

Palavras-Chave: Memórias. Artesanato. Profissão de artesão. Políticas culturais. Contextos educativos.

ABSTRACT

The objective of this paper is to develop an autobiographical narrative that places the author as a testimony of his own time, bringing elements of their formative processes and acting as an artisan. To develop this objective, the question that leads this research is: How can this autobiographical narrative give visibility to the artisan profession in the sense of contextualizing and questioning its policies, training contexts, performance and positions? After readings from references of the autobiography genre, such as Nora (1993), Pollak (1989), Caligaris (1998), Montenegro (2018) and other authors, set out to undertake the journey of writing about memories, places and tools that were present in their professions, structuring the skills of the artisan and the need to understand how handicrafts can be an instrument of service, exploitation and opportunism, but also of independence and identity formation. The narrative seeks to show how the passage through childhood and the first contacts with handicrafts shaped their expectations for art, and in the age of majority he decided to assume the profession, seeking to understand its contradictions and seeking answers to the questions that arose along its trajectory. As i reminisce about this path, walked through places places and places, some physical, others in the recesses of memories, awake in the exercise of remembering. Realizing that craftsmanship has, in addition to its financial and aesthetic value, its value as a culture, transcends any simplistic understanding. There is identity, belonging, ancestry and a lot of contradictions. I also try to highlight the political aspects of my training as a craftsman, such as participation in some entities of the category, which did not resist the confrontation of handicrafts as a culture and succumbed to oblivion or in the paternalistic and hideous domain. Searching for answers led the author to back to studying after four decades. I saw in education the possibility of scientifically understanding what makes a community lose its cultural potential through the strategic impositions of the market. In the academy, I could understand that what I witnessed and sensed in this sector was an extremely unfair and individual dispute field. The COVID-19 pandemic and its damaging consequences resulting from the government's lack of preparation to face has caused harmful situations that reached beyond the population's health, their subsistence conditions. In such a time, art, despite being a balm in these dark hours, its maker lives the contradictions of, when he most needs art to survive, he hears common sense throwing the phrase: "You don't eat art". And the official bodies chancellor this, causing a real dismantling in the culture, not honoring notices and creating artisans to decorate their agendas. The pandemic has come and unveiled a dirty world in its human decisions. Unfortunately our country is leading this way.

Keywords: Memories. Crafts. Artisan profession. Cultural policies. Educational contexts.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es desarrollar una narrativa autobiográfica que sitúe al autor como testigo de su tiempo, al traer elementos de sus procesos formativos y de actuación como artesano. Para desarrollar este objetivo, la pregunta que dirige la investigación es: ¿Cómo esta narrativa autobiográfica puede dar visibilidad a la profesión del artesano, a la medida de contextualizar y cuestionar sus políticas, contextos de formación, actuación y posicionamientos? Posterior a las lecturas de investigadores y estudiosos del género autobiografía, como Nora (1993), Pollak (1989), Caligaris (1998), Montenegro (2018) y otros autores, propuesto a emprender la jornada de escribir sobre memorias, lugares y herramientas que estuvieron presentes en sus profesiones, elaborando habilidades de artesano y la necesidad de entender cómo la artesanía puede ser instrumento de servilismo, explotación y oportunismo, así como también de independencia y formación de identidades. La narrativamente busca evidenciar como el pasaje de la infancia y los primeros contactos con la artesanía moldearon sus ansias por el arte y solamente en la madurez se hizo cargo de la profesión, buscando comprender sus contradicciones y buscar respuestas para preguntas que surgieron a lo largo de su trayectoria. Al recuperar este dirección caminó por lugares y lugares, algunos físicos, otros en las recordaciones, despiertos en el ejercicio de recordar. Ver que la artesanía posee, aparte de su valor financiero y estético, su valor como cultura, trasciende cualquier entendimiento simplista. En él hay identidad, pertenecimiento, ancestralidad y mucha contradicción. También, procura destacar los aspectos políticos de su formación como artesano, como la participación en algunas entidades de la categoría, las que no resistieron el enfrentamiento de la artesanía, en cuanto cultura y sucumbieron al olvido o al dominio paternalista y adulator. El hecho de obtener respuestas se lo llevó a retomar los estudios después de cuatro décadas. Visto en la educación la posibilidad de entender científicamente lo que lleva a una comunidad a ir perdiendo su potencial cultural mediante las imposiciones estratégicas del mercado. En la academia que puede comprender que lo que presenciaba y pensaba en este sector era un campo de disputas extremadamente desleal e individual. La pandemia del COVID-19 y sus consecuencias dañinas, advenidas del despreparo gubernamental de enfrentarla, causaron situaciones dañinas que llegaron más allá de la salud de la población, sus condiciones de subsistencia. En tiempos así, el arte, no obstante puede ser un bálsamo para esas tenebrosas horas, su hacedor vive las contradicciones de, cuando más se necesita del arte para sobrevivir, oye al sentido común sacarle la frase: “No se come arte”. Y las instancias oficiales aprueban eso, provocando un verdadero desmembramiento en la cultura, en deshonra de editales y creando artesanos fútiles para adornar sus agendas. La pandemia vino y reveló un mundo inmundo en sus decisiones humanas, desgraciadamente, nuestro país está en la vanguardia del exceso.

Palabras Clave: Recuerdos. Artesanía. Artesano. Políticas culturales. Contextos educativos.

AGRADECIMENTOS

Agradecendo ao tio Jairo, agradeço toda a família de meu pai. Ao tio Oscar, a de minha mãe.

À Dona Fiica, a de minha esposa.

Ao Instituto Federal de Goiás, Câmpus Cidade de Goiás, todo seu conjunto de servidores com que convivi nesses anos e muito aprendi. Peço usar o nome da Emicléia, a Micky, para expressar minha gratidão.

Ao Prof. Dr., Leandro Carvalho Damascena Neto e Prof^a. Dr^a Ana Rita da Silva, que me orientaram com zelo e carinho.

Meus agradecimentos a todos os docentes com que pude estar nesses seis anos, da EJA à graduação.

À inesquecível turma de 2017 do curso de Licenciatura em Artes Visuais, que sempre terei com muito afeto.

“A experiência que passa, fica”.

Jorge Larrosa.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Tirinha. Acervo do autor.	29
---	----

LISTA DE SIGLAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos
IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FAMA – Fundação de Abrigo de Menores Abandonados ou Fraternidade e Assistência a Menores Aprendizizes
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UFG – Universidade Federal de Goiás
DES - Departamento Estadual de Esgoto
SANEAGO – Companhia de Saneamento de Goiás
METAGO – Metais de Goiás S/A
IQUIGO – Indústria Química do Estado de Goiás
DERGO – Departamento de Estradas e Rodagem de Goiás
CELG – Centrais Elétricas de Goiás
BEG – Banco do Estado de Goiás
CEPAIGO – Centro Penitenciário Agrícola e Industrial de Goiás
APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
DCE – Diretório Central dos Estudantes
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UEE – União Estadual dos Estudantes
UNE – União Nacional dos Estudantes
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
FICA – Festival de Cinema Ambiental
FAV – Faculdade de Artes Visuais
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
COVID-19 – *Corona Virus Disease 2019* ou Doença por Corona Vírus 19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1	
As lembranças de um aprendiz: memórias, lugares e ferramentas à tiracolo.....	19
CAPÍTULO 2	
As lembranças da diáspora: as memórias do artista/artesão no (para) o mundo	30
CAPÍTULO 3	
Trajetórias em contextos educativos formais e não-formais: como se forma o artista/artesão/educador	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
ANEXOS.....	72

1. Introdução

Propus neste trabalho empreender a jornada de escrever sobre memórias, lugares e ferramentas que estiveram comigo em minhas profissões, forjando as habilidades que foram sendo construídas em minha vida de artesão, as possibilidades que essas ferramentas me abriram nos diversos caminhos por onde passei e a necessidade de entender o porquê de o artesanato ser tão discriminado e, ao mesmo tempo, ser instrumento de servencialismo, exploração e oportunismo, mas também de independência e formação de identidades.

A motivação para essa narrativa surgiu a partir de um relato que fiz para o estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação de Goiás. Nesse relato, aludia à experiência vivida em meus primeiros contatos com a arte na infância e sua persistência em permanecer em minha vida. Nesse sentido, meu objetivo é procurar entender as contradições e não comungar com as práticas de que o *establishment* faz uso.

Após as leituras de pesquisadores e estudiosos do gênero, como Nora (1993), Pollak (1989), Caligaris (1998), Montenegro (2018) e outros, percebi que poderia ser relevante falar de minhas próprias experiências em um trabalho de pesquisa, narrando as profissões pelas quais transitei, evidenciando as ferramentas, motivo mágico das primeiras imagens da infância, o contato com o mundo do trabalho na adolescência, o reencontro com a arte no mundo profissional na fase adulta e na maturidade o reencontro com a escola numa graduação em Licenciatura em Artes Visuais. Dessa forma, farei uso das lembranças e com aparato teórico da memória e pesquisa narrativa, desenvolverei o assunto procurando contextualizar o período narrado.

Trarei nesta introdução a compreensão obtida em relação ao gênero da escrita narrativa coletada em pesquisas, deixando os capítulos livres para a empreitada de tecer uma narrativa autobiográfica.

Por se tratar de uma abordagem subjetiva, essa abordagem literária, muitas vezes anônima, secreta, não persegue este ou aquele estilo descritivo. De acordo com minha interpretação após leituras, o entendimento que tive é o de que simplesmente se escreva.

Até mesmo o silêncio é motivo impulsionador para isso. Anseios, perspectivas, utopias, que por certo fizeram parte do passado, fazem do presente e sobretudo do futuro por haverem sido escritas. Dialogando entre si, os textos: Entre Memórias e História; Memória e Identidade Social; Memória Esquecimento e Silêncio e Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos, são

unânicos em eleger o quesito ‘sinceridade’ como acessório indispensável para se escrever uma autobiografia. Assim refere Calligaris (1998, p. 45): “Entende-se que [...] a sinceridade se separa, até conceitualmente da verdade e se torna um valor diferente e hierarquicamente superior”, como que evocando o simples para engendrar o composto.

Procurando situá-lo no tempo cronológico, alguns autores como Gusdorf (1948, 1951, 1956 e Weitraub (1972) apud CALLIGARIS, 1998), defendem o século XVIII como período em que esse gênero literário começa a se firmar como conteúdo de conhecimento. Inclusive de si próprio, como defendem algumas terapias e conceitos psicanalíticos.

Tendo eu acessado diversos escritos relativos à história, ao homem e seus comportamentos, entendi ser possível pontuar o que percebi como construção de conhecimento enquanto observância da presença desse homem disposto a moldar-se à modernidade e o imediatismo de cada tempo. A necessidade em firmar-se no espaço-tempo como ser autônomo envolto em suas atividades subjetivas e objetivas fez com que, participe do fenômeno da leitura que expandira por aquele século e anteriores, o homem passasse a escrever sobre si e sobre outras pessoas.

Impulsionado pela Reforma Protestante, a leitura da Bíblia abre caminho para a alfabetização, criando leitores e fazedores de leitores. A Revolução Industrial como diz o próprio nome, revolucionou o então mundo conhecido e com ela o mundo do indivíduo, da escrita e da leitura. Foram dadas condições mecânicas de reprodução dos textos, proporcionando significantes mudanças na comunicação da época, como foi o fenômeno do aparecimento do rádio, da TV, da internet nos séculos posteriores. Um salto para novas possibilidades em aventurar-se nas mais variadas vertentes do desenvolvimento alcançado por aquele período, o Século das Luzes.

Os fenômenos surgidos, consequentes das rupturas com o antigo, deram surgimento a teorias e contra teorias nas quais intrínsecas estão as pessoas que as redigiram e as que com elas antagonizaram numa latente disputa de narrativas. As representações sociais são subsídios para essas defesas filosóficas. O sujeito não é mais somente visto como um número na comunidade ou na sociedade. Passa a expor sua subjetividade escrevendo de si para si e também para o outro. Falar de si. Como que impulsionado a estar plugado às novidades e aos comportamentos que aquela modernidade moldava. Como estar com os aplicativos de mensagens instantâneas, na ponta dos dedos, respeitadas as proporções, a pena e o tinteiro passaram a fazer parte dos objetos individuais de comunicação e registro, os escritos já não eram possessão da oficialidade e da nobreza.

Mesmo com essa liberdade, existem e são aceitas definições que distinguem o ‘ato de escrever’. A autobiografia em si, seu vasto leque de abordagens no descrever-se. O jornal mais intimista projeta momentos internos, contemplativo ativo e resguardado do exterior. O diário, muito útil, acumula informações diárias sem se preocupar em padronizar. As memórias, anotações gerais priorizando o externo até mesmo para que desenvolva subsídios para legitimação do fato, fazendo da lembrança o insistente testemunho.

Abordagens, experiências e conclusões. Parece ser esse um bom caminho para escrever. Contextualizar enriquece e muito o desenvolvimento da escrita, criando imagens na mente que parecem materializar o descrito. Mais que palavras, certos relatos possuem um certo direcionar que faz perceber quase o cheiro, a saudade, as decisões, o ato em si, história própria, inexoravelmente própria. Como diz Calligaris (1998), fazendo referência a Gusdorf (1948; 1951; 1956), o ato biográfico se traduz em sentimento de história como aventura autônoma e individual.

O mergulho no texto de Magalhães e Pereira (2015), *O Diário Íntimo de Altino Arantes*, deixa evidente a pluralidade de distinções que pode trazer o gênero autobiografias. Aqui, um governador de São Paulo do primeiro quartel do século XX elabora toda sua biografia usando anotações do dia a dia, buscando no íntimo dar conta de seus mandatos e o porquê das escolhas que foram tomadas, registrando-as como pretense alibi se outrora necessário fosse.

Nas notas no final do texto, a de número três *Verdade de Biografias e Diário Íntimos*, James Olney (1972) apud Calligaris (1998), parece acreditar que a autobiografia é o fruto natural de algum ‘impulso vital’ em que, fale-se o que for, de qualquer forma o ser humano estará falando de si. Inclusive, da memória material que muitas vezes pode ser o foco da pesquisa, da experiência em memorizar por exemplo suas ferramentas de trabalho. A autobiografia sustentada em recursos palpáveis e registráveis enquanto imagem, trazendo robustez ao texto.

Voltando ao século XVIII, um período no qual o cientificismo começa a tomar seus contornos, no que tange ao indivíduo, os corpos, hierarquizados, identificados, registrados, milimetricamente esquadrinhados, biografado na ficha engavetada no armário de um sanatório ou mesmo no caderno de anotações de uma alfândega quando da fuga da peste. Registros que desmistificam aquela sensação de um ser livre, individual e proprietário de seu tempo. Corpos para serem vigiados e punidos no desenvolver do entendimento de Foucault (1975) apud CALLIGARIS (1998).

A autobiografia, como testemunha desse tempo, alicerça bases para consolidar sua autoridade como gênero descritivo de grande valor por possuir a leveza de transitar por diferentes dimensões e delas absorver o que de mais autêntico possui para compartilhar.

Não obstante a situação de se encontrarem autores e atores de uma situação objetiva, de um testemunho, ousando escrever de si, e cronologicamente não ser tão novo como alguns teóricos procuram trazer para o século XVIII, os ‘oitocentos’ e os seguintes serão testemunhos do afloramento de biografias e autobiografias que direcionarão para várias vertentes nascidas desse gênero literário. Ao falar de si mesmo com o uso de codinomes, as pessoas se libertam em suas subjetividades e numa coletiva subjetividade digladiam por revelarem suas secretas vivências. Alguns produzem romances, mimetizando trajetos de vida.

O que se sabe de Sócrates, vem de Platão. Não é autobiografia, mas o quanto é fiel a postura com que o autor trata de quem fala, é de uma cumplicidade que faz dar pena de Platão a eloquência de Sócrates.

Há quantos dão vida às histórias e ficções e das ficções que trazem entusiasmos que fazem história de uma vida. Imemoriável é o tempo que o homem fala de si. Os próprios textos vão procurando ordenar essa questão procurando melhor entendimento histórico. Do tempo das epopeias, dramas, tragédias, enunciados estavam seus autores. Protagonista e criação fundem-se numa construção poética.

Com base nesse entendimento, o objetivo da pesquisa é desenvolver uma narrativa autobiográfica que situe o autor como testemunho de seu tempo, trazendo elementos de seus processos formativos e de atuação como artesão para dar visibilidade a esse segmento com suas contradições e posicionamentos. Para desenvolver esse objetivo, a questão que conduz a pesquisa é como essa narrativa autobiográfica pode dar visibilidade à profissão do artesão no sentido de contextualizar e discutir suas políticas, contextos de formação, atuação e posicionamentos?

A presente narrativa organiza-se em três capítulos, nem sempre obedecendo a uma sequência cronológica, mas procurando tecer relações de sentidos para ligar os fatos, visto que a memória não é linear, ela tece dando voltas no tempo indo e voltando, formando espirais. Ainda assim, procuro não desviar minimamente de uma linha que faça sentido para o leitor, em respeito à sua compreensão.

No primeiro capítulo faço um mergulho na infância, trazendo memória a um trabalhador da cerâmica, meus primeiros contatos com as produções feitas à mão e as produzidas na modernidade contemporânea à época. Num contexto de ditadura militar, as consequências para

a vida dos civis, em que a necessidade coloca as crianças dos derrotados da democracia no mercado de trabalho, a busca por qualquer moeda faz o pequeno trabalhador experimentar várias profissões: vender cerâmica na feira, vender pirulitos, trabalhar como engraxate, vendedor de jornal.

No segundo capítulo, trago minha lembranças da diáspora¹, as memórias do artista/artesão no (para) o mundo. Narro sobre as possibilidades de conhecer outros contextos, ressaltando minhas andanças, lugares de lugares. E minhas ferramentas possibilitando isso. O artesanato sendo a moeda que faz mover, abre espaços nas feiras, mostrando que ‘quem sabe faz a hora’. Foi assim em Villa Gesell, na Argentina.

No terceiro e último capítulo retomo minha experiência do lugar de origem, completando um ciclo de trajetórias, e concluo a narrativa com minha ida para a cidade de Goiás para estudar depois de 41 anos, quando me matriculo em um curso Educação para Jovens e Adultos, (EJA), no Instituto Federal, Campus Cidade de Goiás (IFG) no ano de 2015. Em 2016, computando nota do Exame Nacional do Ensino Médio, (ENEM), tenho o ensino médio validado e ingresso no curso de Licenciatura em Artes Visuais pela mesma Instituição, o IFG.

A partir daí teço considerações sobre a formação de minha identidade de artista/educador através das experiências na arte e na educação formal, trazendo elementos para pensar como se forma um profissional das artes.

¹ Para essa pesquisa iremos utilizar o significado do conceito de diáspora como uma dispersão do indivíduo frente as transformações e transições da fase da juventude para a adulta e a mudança de localidade como uma forma de se expressar frente aos designios políticos que se encontrava a nação brasileira frente ao regime ditatorial militar.

Capítulo 1 – As lembranças de um aprendiz: memórias, lugares e ferramentas a tiracolo.

Neste capítulo, irei relatar determinados episódios de minhas memórias vivenciadas e herdadas, ou seja, aquelas de que fui testemunha e outras que ouvir falar, nas inúmeras ocasiões dos meus mais de sessenta e cinco anos. Muitas lembranças estão relacionadas às profissões que exerci. Outras, às realidades sociais que presenciei e percebo necessário abordar o assunto para orientar até mesmo minhas lembranças. Pretendo vasculhar essas memórias explorando caminhos, quase sempre iniciados e pavimentados por recursos diletantes. Ao fim, embasado também em uma sustentação teórica, espero chegar a um lugar onde as conjecturas tenham respostas.

Comecei a ter contato com as ferramentas de trabalhos manuais muito cedo. Remonta a tempos distantes, mais de seis décadas, por volta da década de 1960. Tempo que quando criança, fui “apresentado” a um gigantesco forno. Era um forno de queimar tijolos que o “Seu” Francisco, seus filhos e Dona Querubina sua esposa, mantinham na labuta diária de uma olaria.

Era o início de uma vida. Assim como também o de uma vila de Goiânia que também nascia, a Vila Fama². Segundo Chaul (2001), a construção de Goiânia iniciou no ano de 1933, o decreto da transferência da capital do estado de Goiás para Goiânia ocorreu em 1937, a nova capital teve o batismo cultural no ano de 1942 com a presença do presidente da República, Getúlio Vargas. (CHAUL, 2001). Naquelas primeiras idades de criança, tudo parecia muito longe e alto. Mesmo que fosse bem perto, quatro ou cinco lotes de onde morávamos. Era ali, palco das primeiras experiências. O forno era muito alto, meu pai também. Segurando suas mãos, meu irmão e eu brotávamos para uma vida que se propunha bela e plena naquela vila ‘distante’ do centro da cidade e que ainda possuía o colorido, o cheiro e a variedade da vegetação do cerrado.

O terreno da olaria ocupava uns quatro ou cinco lotes. Ali morava o patriarca, a matriarca, filhos, filhas, noras, genros, netos. Naquela família, havia um dos filhos que era o motivo da curiosidade das crianças daquela vila. Seu nome era Maurício. Possuía o dom de fabricar belíssimas peças de barro, usando um torno de pedal para confeccioná-las. Para a gente que era criança, ficávamos maravilhados com tamanha habilidade e consequente beleza dos artefatos produzidos no girar da roda de madeira controlada pelos pés do artesão.

² A Vila Fama surgiu na década de 1940, a partir do controle do Estado, que tinha interesse na mão-de-obra barata, juntamente com a Vila Nova, Nova Vila e Criméia. TRINDADE, Ana Maria da. Segregação urbana em Goiânia e os jovens da Vila Coronel Cosme. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). PUC, Goiânia, 2009, p. 23.

Fui crescendo em meio àquele ambiente. Passei a ir à feira livre da vila junto ao oleiro e outras crianças. O carrinho de mão, ia repleto de peças de cerâmica. Potes, moringas, pratos, travessas, bules. Enxergava a tampa da moringa como sendo uma piorra, girando, girando...girou também o tempo.

Por essa primeira infância, também com meu avô paterno tive a oportunidade de aumentar minha curiosidade com as profissões. A Vila Fama, hoje Setor Marechal Rondon, era um terreno que anexo existia um internato de órfãos mantido pela maçonaria e cujo nome era Fundação de Abrigo de Menores Abandonados ou Fraternidade e Assistência a Menores Aprendizizes – FAMA³, que, fechado a parte de internato, passou a chamar Fundação de Assistência a Menores Aprendizizes. Voltando, com nosso avô, eu meu irmão mais velho acompanhávamos em seus passeios. E ele sempre ia a essa instituição pois ali ensinava o ofício de sapateiro, o amigo ‘Seu’ Vicente que era o mestre dos internos.

Enquanto ficava conversando com o velho amigo, eu observava os movimentos das máquinas de costura, de lixar e as ferramentas manuais de corte, martelos, tachinhas. Havia também outros ofícios, como marcenaria e tipografia. Também existia a parte agrícola de produção de milho, arroz e mandioca no terreno que atualmente está edificado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Nas mesmas imediações da Vila Fama, ainda hoje se encontra o Colégio Gonçalves Ledo, a Loja Maçônica, o cemitério Jardins das Palmeiras e mais recente a construção de um shopping de produto vestuário. Essas localidades, seus terrenos ficam ao fundo da Avenida Goiás Norte, onde havia pomares, criação de pequenos animais para alimentação e hortas.

A instituição FAMA oferecia o curso primário e abria para a comunidade da vila. Minha mãe nos matriculou no chamado ‘prezinho’. A convivência com os internos não era nada amistosa. Hoje percebo que a motivação era o preconceito pelo diferente que se avizinhava. Não percebia crianças naqueles colegas. A dureza da orfandade e as regras oriundas de uma educação positivista forjava como que adultos em pequenos corpos. Não sabia discernir aquilo. Normal éramos nós que morávamos com família.

Aquele foi o primeiro ano que ‘bombei’ [reprovei]. Na simplicidade de minha mãe, apenas o sorriso quando mostrei o boletim.

Com o passar do tempo parece que as lembranças vão assentando, até mesmo o esquecido vai se manifestando, sabe-se lá pegando uma carona na memória do outro ou mesmo com as pessoas que convivi, numa que atravessando, aquilo ficara grudado em algum lugar

³ Doravante FAMA

onde as memórias fazem morada. De acordo Halbwachs apud Pollak (1989), esse "pegar carona" na memória do outro ou mesmo com as pessoas de convivência, ressalta não somente o caráter seletivo da memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais:

[...] para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (POLLAK, 1989, p. 3 – 4)

Deste modo, grande parte das nossas lembranças são mediadas e construídas pelos grupos sociais que crescemos, convivemos, e nossas lembranças da infância fazem parte destas memórias reconstruídas socialmente. Acendidas pelas modernas lâmpadas de uma oficina, minhas memórias de quatro e cinco anos [de idade] na década de 1950 vê a moderna instalação de uma tipografia e imensidão de resmas de papel para impressões, algo muito diferente da tipografia da FAMA e algo que guardo o cheiro e a luminosidade. Era assim por dizer, um complexo gráfico de ponta, com função específica. Na verdade, era o embrião do que seria poucos anos depois a Imprensa Universitária de Universidade Federal de Goiás, (UFG).

Por ser a família de meu pai, tipógrafos, quando mudaram de Minas Gerais para Goiânia na década de 1950 já trouxeram na bagagem seus aprendizados. Meu tio José de Paiva Pinto foi o gráfico responsável pela mudança e montagem daquela instituição Federal de Artes gráficas que veio a ser localizado à época no Setor Universitário. Na antiga rua 10. Foi ele ali, diretor até a aposentadoria.

Meu avô era farmacêutico prático. Na minha infância, lembro de seu estojo de injeção feito industrialmente numa espécie de aço inox, agulhas, ampolas, algumas balanças, recipientes esmaltados, seringas de vidros e uma espécie de socador [Almofariz ou Gral] de fármacos que em sua caderneta de anotações ficavam registradas as fórmulas. Lembro também de meu pai falar de quando menino viajava com ele pelo sertão da região do Triângulo Mineiro e Sudeste goiano no vale do Rio Paranaíba, curando “Fogo selvagem”⁴.

De minha avó paterna, Idelfonsa Maria de Jesus, pouco sei. Mesmo convivendo por anos. Na graduação compreendi mais sobre o patriarcado e percebi que ela não possuía

⁴ Pênfigo, popularmente conhecida como "fogo selvagem", é uma doença imune caracterizada pela formação de bolhas moles, que estouram facilmente e que não cicatrizam. Normalmente, estas bolhas surgem na pele, mas também podem afetar as mucosas, como o revestimento da boca, olhos, nariz, garganta e região íntima. Fonte: <https://www.tuasaude.com/penfigo/> acessado em: 08 jan de 2021.

sobrenome. Mais adiante observei que meu nome e de meus irmãos não possuíam o de nossa mãe, Gilda Gomide. Ela, herdou o sobrenome Ferreira de meu pai. Algo que notei de interessante foi o fato de minha avó materna preservar seu nome, Jaira Maria Pimenta, não adotando o nome do esposo, João Gomide Borges.

João Mundico, como era conhecido meu avô materno, era um camponês de fibra que só o tempo quebrou. Líder naturalmente que foi, certa feita recebeu em seu rancho, o conhecido líder pernambucano Gregório Bezerra, como consta no livro de memórias escrito por esse nordestino. Minha mãe fala de uma encenação do dia 13 de maio em que Bezerra e outros que com ele andava, ensaiaram e as famílias de camponeses encenaram essa data comemorativa da abolição da escravidão. Ela cita também Francisco Gomes, codinome Ricardo e um padre cujo nome não era pronunciado. Promoveram entre os camponeses da região várias atividades artísticas ligadas à cultura. Tia Jarica, que levava o mesmo nome de minha avó, atuou nessa apresentação fazendo o papel de Princesa Isabel. Tia Jarica se foi meses antes de eu nascer. Tempos difíceis para quem viviam da agricultura e tirava seu sustento da terra.

Quando éramos crianças, íamos com nossa mãe para o rancho que ele [meu avô materno] morava, no Castelo, hoje região de Castelândia-GO e Garimpo hoje Marilândia-GO, nome dado à cidade em homenagem a Mauro Borges Teixeira. Meu pai ficava em Goiânia até que chegasse suas férias, quando partia para nos encontrar, naquela imensidão de cerrado transformado em plantação de algodão, depois cana e agora soja.

Tinha eu 4 ou 5 anos e lembro bem de meu avô trabalhando uma plaina manual e o cair da lâmina de madeira enroscada no chão, me impressionou como que despertando a curiosidade para o funcionamento da peça. Um “clic” a mais na paixão pelas ferramentas. Mais tarde, quando fui para Minas Gerais, pude trabalhar com ele em sua minúscula fábrica de fundo de quintal onde fabricava caixas para verduras que vendia aos comerciantes do mercado municipal. Debaixo do pé de mangueira, na Vila Martins na cidade de Uberlândia eu desmontava os caixotes que tornariam caixas de carregar verduras e desamassava os pregos que também seriam reutilizados. Ali também fiz meu primeiro entalhe. Enxerguei ser um artesão.

Hoje compreendo que o êxodo rural condenou um grande homem do campo a um fundo de quintal de cidade mesclado as suas ferramentas e lembranças de talvez um país justo onde ninguém passe falta de um pedaço de terra para a vida viver e não dar a vida para nela viver.

Voltando no tempo, meu pai era o único filho de Nicodemos de Paiva Pinto que não eram tipógrafo. Até as filhas foram tipógrafas, antes de se casarem. Ele era desenhista técnico. Viera de uma época que o saber era algo próximo ao sacerdócio. Não era formado. Sua

vivacidade, uma cultura mediana advinda da precariedade existente em um país de pós-guerra, para aqueles que precisavam vender sua força de trabalho, oportunizou frequentar escritório de arquitetura.

Com toda sua família vindo para Goiânia na década de 1960, já casado, veio com minha mãe, meu irmão mais velho e eu. Nesses relances da infância, lembro de seus ensinamentos das primeiras letras no jornal Última Hora⁵, e vaga lembrança da mudança da casa dos avós, que moravam quase no portão do internato, para um barracão próximo à olaria do 'Seu' Francisco, nas imediações do SENAI/Fama.

Nessa época meu pai passou em um concurso no Departamento Estadual de Esgoto, DES, o que viria ser o hoje a SANEAGO (Companhia Saneamento de Goiás). Seu cargo era de chefe do departamento de desenho. Esse departamento funcionava na parte superior do prédio localizado em frente ao Teatro Goiânia, local onde funcionava a Secretaria de Indústria e Comércio.

O governo era de Mauro Borges (1961 – 1964). Ele havia criado várias secretarias de desenvolvimento que não existiam ou não mais comportavam as prementes necessidades da capital em crescimento acelerado acompanhando a criação de Brasília.

Engenheiro e oficial do Exército, Mauro Borges percebia a necessidade em criar estatais que assegurassem esse desenvolvimento. Muitas empresas com sufixo GO, hoje privatizadas ou sucateadas foram criadas naquela época, a exemplo da Metais de Goiás S/A (METAGO), Indústria Química do Estado de Goiás (IQUEGO), Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de Goiás (DERGO), Telecomunicações de Goiás (Telegoiás), Companhia Energética de Goiás (CELG) e o Banco do Estado de Goiás (BEG). Com o Golpe Militar no ano de 1964⁶, notadamente entreguista, a palavra estatal passou a ser coisa de comunista e com isso aqueles que faziam parte e comungavam com uma ideia de autonomia era sumariamente estereotipado.

⁵ Jornal diário e vespertino fundado no Rio de Janeiro em 12 de junho de 1951 por Samuel Wainer. Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ultima-hora> acessado em: 06 jan. 2021.

⁶ "Existem algumas formas de Golpe de Estado, como o "*pronunciamento*" ou *quartelada*, o golpe militar clássico. Por outro lado, existem os golpes não militares. Por exemplo, o chamado *golpe branco*, que acontece quando grupos políticos e sociais usam de pressão - e não de força - para forçar uma decisão governamental ou impor um governante. Um caso de golpe branco aconteceu após a renúncia do presidente brasileiro Jânio Quadros, em 1961, quando os militares e as elites se recusaram a aceitar a posse do vice-presidente, o esquerdista João Goulart, e pressionaram politicamente, conseguindo transformar o regime de governo de presidencialismo em parlamentarismo. No entanto, a crise gerada pelo governo de João Goulart, que conseguiu a volta do presidencialismo um ano depois, terminou por levar ao golpe de 1964, desfechado por militares de direita. O Brasil ficou sob governo de uma ditadura dos militares de 1964 a 1985, onde a maioria dos partidos políticos foram colocados na clandestinidade, proibida a liberdade de expressão, prisões e torturadas da população civil contrárias aos governos militares." SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 175.

Aviões de guerra sobrevoavam o Palácio das Esmeraldas⁷, num claro aviso que estava liquidada a democracia e que a força prevalecia. Os compromissos com as multinacionais eram maiores que a soberania do país. O que mais tarde a imprensa internacional viria a mostrar, inclusive a Volkswagen⁸ se desculpando de sua participação no golpe militar contra a nação brasileira. O governo foi deposto⁹ e com ele os imediatos de secretarias estratégicas. Alguns foram também presos. Outros conterrâneos taxados de subversivos fugiram para outros países, outros foram mortos como foi o caso de Honestino Guimarães¹⁰.

Nessa época meu pai ficou por algum tempo na cidade de Jataí-GO escondido da perseguição. Tempos depois, o veículo Jeep do Exército Brasileiro foi buscar meu pai em casa, na Vila Fama. Levaram-no preso. No outro dia apareceram umas senhoras em casa perguntando o que mamãe precisava. Depois mamãe nos disse que eram irmãs do governador que vieram dar seus préstimos.

Meu pai havia sido enquadrado como “preso político”. Fui uma vez visitar ele no Centro Penitenciário Agrícola e Industrial de Goiás, (CEPAIGO), outro “GO” criado pelo Governador Mauro Borges, no intuito de o infrator pagar a pena, alimentar do que plantar e aprender uma profissão. Meu pai ficou preso aproximadamente por um mês. Ir até lá parecia muito distante dado a forma de locomoção à época. Recordo que havia até estrada de terra. Provavelmente, o caminho da BR153 até lá fosse sem asfalto. Os presos políticos, ficavam em alas separadas. O que me vem mais a lembrança, era o lugar onde estavam, haviam muitos maços de cigarros e livros. Me chamava atenção as outras alas e as metralhadoras da polícia militar. Passamos quase que uma tarde. O trajeto do retorno para casa demorou muito.

Naquele tempo e daquele tempo, nunca mais tive um norte seguro. Quando se quebra as utopias de um homem, demonstrando que a força é quem manda, cai por terra grande parte daquilo que ele concebeu como humano e suas práticas já não são as mesmas.

⁷ Palácio que abriga os governadores do Estado de Goiás. O Palácio se localiza na Praça Cívica no centro de Goiânia, o palácio foi construído na década de 1930, no início da construção de Goiânia.

⁸ Para verificar a participação da Volkswagen no Golpe de Estado no Brasil em 1964 ver o seguinte artigo: KOPPER, Christopher. A VW do Brasil durante a Ditadura Militar brasileira 1964 – 1985: uma abordagem histórica. Disponível: <http://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/docs/relatorio-christopher-kopper-tac-volkswagen> acessado em: 05 jan. 2021.

⁹ Para adentrar a história do Golpe Militar de 1964 em Goiás durante o governo de Mauro Borges ver: BORBA, Carlos Alberto Vieira. A contra revolução antes da revolução: o golpe de 1964 em Goiás. Disponível: <https://www.historia.uff.br/estadoepoder/7snep/docs/093.pdf> acessado em: 05 jan. 2021.

¹⁰ Honestino Guimarães era filho de Maria Rosa Leite e Benedito Monteiro Guimarães, nasceu em 28/03/1947 na cidade de Itaberaí-GO. O estudante foi preso por agentes do Estado brasileiro no dia 10/10/1973, mesmo dia que desapareceu e nunca mais seu corpo foi encontrado. Ver: Site - Memórias da Ditadura. Disponível: <http://memoriasdaditadura.org.br/memorial/honestino-monteiro-guimaraes/> acessado em: 05/01/2021.

Por muitos anos fiquei intrigado: o porquê do aniversário do meu irmão ter sido uma festa toda iluminada e repleta de gente e o meu aniversário não acontecer. Compreender depois, que aquele intervalo de um mês foi o tempo de desmonte do sonho de um homem, fez com que me retirasse do campo da dúvida e aconchegasse ao do respeito.

A família sujeita à opressão, bem cedo é desencantada. As possibilidades são confrontadas com sua formação e experiências primeiras. Estas então são atropeladas e substituídas por outras, que não condizem com o que aprendeu no seio familiar. O antagonismo leva o indivíduo a um estado de negação em que é obrigado a escolher o que negar. As escolhas decidirão se o sujeito está apto a galgar espaços ou receber estereótipos que o anulem.

Entendi mais tarde que existiam outros tipos de ferramentas que não aquelas utilizadas para construir, mas sim para aculturar, aliciar e alienar¹¹ e que faziam parte de uma história contada por um povo que subtraiu seu povo em privilégio de outro.

Por bem, o trabalhar manual me proporcionou escolhas, se não as melhores, foram minhas e não podia aceitar diferente. Uma semente de alteridade já havia sido plantada em mim.

Num contexto de ditadura militar, as consequências para a vida dos civis, em que a necessidade coloca as crianças dos derrotados da democracia no mercado de trabalho, a busca por qualquer moeda faz o pequeno trabalhador experimentar várias profissões: vender cerâmica na feira, vender pirulitos, trabalhar como engraxate, vendedor de jornal. Trabalho de criança paralelo ao curso primário. Transitei por essas profissões experimentando suas ferramentas.

Antes dos dez anos, tive experiência em escritório de desenhos arquitetônicos e topográficos junto com meu pai, e foi neste momento que tive o primeiro contato com as cópias heliográficas. Aquele escritório de desenho o acolhera de quando sua exoneração do serviço público. Abaixo segue exemplo de uma cópia heliográfica.

¹¹ "Alienação está ligada às desigualdades das sociedades capitalistas, ser alienado segundo Marx, é pessoas estarem numa condição objetiva que possui consequências reais, e a chave para mudar essa situação é uma questão de mudar não aquilo que pensamos ou acreditamos, mas a forma como vivemos, a fim de obter mais controle sobre as nossas circunstâncias. Pode parecer que antigamente a vida do trabalho era mais exigente do ponto de vista físico, abundante e exaustiva. Para muitos grupos sociais, como camponeses e artesãos, entretanto, o trabalho era qualificado e prazeroso em si mesmo, permitia mais controle sobre as tarefas profissionais do que nas fábricas modernas, nos grandes escritórios corporativos, nas centrais de atendimento ou nos restaurantes de fast-food. O trabalho hoje pode, em muitos aspectos, exigir menos fisicamente do que no passado, mas não oferece mais controle e, portanto, continua produzindo muitos níveis de alienação." Disponível: <http://editoraunesp.com.br/blog/confira-o-conceito-de-alienacao-explicado-por-giddens-e-sutton> acesso em: 06 jan. 2021.

Neste lugar também tive outra experiência com ferramentas novas e modernas sendo auxiliar em revelação de cópias heliográficas e trabalho de rua, na calma Goiânia, com a população de 80 000 habitantes.

Aos onze anos, fui aprendiz de tipografia na Imprensa Universitária da Universidade Federal de Goiás, (UFG). Uma das primeiras coisas que se fazia era aprender onde guardavam os tipos móveis. Os tipos móveis são modelos de letras desenvolvidos no século XV pelo ourives alemão Gutemberg¹², conhecido como pai da imprensa. Com tipos independentes, poderia ser feita a composição e em seguida a impressão e os tipos usados guardados para novas composições. Foi assim que ele imprimiu cem exemplares da Bíblia.

Normalmente a primeira tarefa do aprendiz de ofício era conhecer esses tipos. Foi apresentada a mim e outro aprendiz uma bacia dessas de zinco, medida para dar banho em menino, cheia de tipos.

A missão era ‘desempastelar’ os tipos da bacia. Esse era o termo usado para as letras misturadas. Para se ter uma ideia, os modelos de letras e suas respectivas medidas disponíveis na internet são originárias das artes gráficas. A princípio, possuem uma medida justificada. Nas tipografias e jornais usavam normalmente o corpo de tamanho seis (6) para endereços de anúncios e o tamanho até o oitenta e dois (82) para manchetes chamativas e outros maiores de madeira, usados mormente em festas comemorativas, anúncios políticos e seus números para destacar negócios. Por entre eles era muito usado nos jornais os corpos de tamanhos: dez (10), vinte e quatro (24), trinta e seis (36), quarenta e oito (48) e setenta e dois (72).

Voltando à bacia, na qual ficamos uns trinta dias separando letra por letra. Havia também as peças verticalmente mais baixas que são os espaços que ficam entre as palavras e os que ficam entre uma linha e outra. Eu, junto com o outro aprendiz passamos a outra etapa que era compor uma chapa, o que seria hoje no mundo virtual chamado de diagramar uma composição.

Atrasado que estava no fundamental, era o ano da formatura do primário e a chapa que fiz foi o diploma da turma. Um profissional impressor reservou um período e imprimiu cem convites para mim. Foi algo bem legal para uma escola pública municipal.

¹² "Johann Gutemberg nascido em Mainz, na Alemanha, por volta de 1400, é um dos principais protagonistas da montagem de uma prensa melhorada, um pré-requisito para a formação da impressão tipográfica. Inicialmente trabalhava como ourives, até aprender, na cidade de Estrasburgo, a arte gráfica. Ao retornar a sua cidade natal, no ano de 1448, tinha o sonho de imprimir a Bíblia". SANTOS, Adelcio Machado dos. Gutemberg: a era da imprensa. Revista Percepções. Caçador-SC, v. 1, jan./jun. 2012, p. 15 – 16. Disponível: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/percepcoes/article/download/25/81/262> acesso em: 06 jan. 2021.

Com o aprendizado passei a trabalhar no Jornal "Cinco de Março"¹³ em Goiânia, como auxiliar de paginação e, posteriormente, na Editora Rio Bonito, anexa ao Jornal Diário da Manhã, na paginação de livros.

No Jornal "Cinco de Março" conheci muito da oficina e da redação, posto que era tudo emendado, somente um mezanino separava os redatores dos funcionários da gráfica, num ambiente movimentado frente à próxima edição.

A arcaica forma de derretimento de chumbo para alimentação das linotipos¹⁴ que compunham as linhas das composições era algo que talvez só se veria em algum país periférico ou no século XX. Uma caldeira de ferro com borda de uns cinco centímetros de espessura com capacidade para uns cinquenta litros, alimentada à lenha, derretia as linhas de chumbo que eram retiradas das páginas da edição anterior. Os tipos móveis responsáveis pelas manchetes eram guardados nas respectivas caixas de acordo com a medida e estilo e posterior cavalete onde eram engavetadas as caixas. As peças de chumbo que tinha a função de espaços por entre as linhas e letras eram distribuídas, esse é o termo, em recipientes adequados para cada medida.

Em pleno centro da cidade, na Avenida Goiás com a Rua 61, para mais de meados do século XX, o que parece uma revolução industrial mais que tardia sobrevivia em terra goianas.

Naquele pequeno cômodo, o Gaguinho, como era chamado Oswaldo, com uma concha do tamanho de um prato e cabo longo ia separando a borra do chumbo, recolhendo aquele liquido a seiscentos graus Celsius (600°) e colocando nas formas de ferro formando as barras que os linotipistas esperavam para sustentar as caldeiras de suas máquinas. Com a composição feita por esse profissional na linotipo, o auxiliar de paginação, o meu caso, pegava a composição

¹³ "No período que permeou o governo Vargas ou no golpe militar de 1964, nem tudo era conformismo na imprensa goiana. Diversos veículos oposicionistas circulavam sob a mira dos censores e da polícia, o que os levava a atuar mais na clandestinidade do que na legalidade. A exemplo disso, um veículo goiano, cuja duração atravessou 23 anos, deixou um legado importante: trata-se do jornal "Cinco de Março", criado em 1959, após forte repressão da polícia a uma manifestação de estudantes secundaristas – que protestavam contra o aumento das passagens no transporte coletivo e das mensalidades escolares – ocorria no dia em que se batizou o jornal. Além de Jávier Godinho, entre os líderes estudantis da União Goiana dos Estudantes Secundaristas (UGES) estavam Telmo Faria, Batista Custódio. Os três lideraram a criação do jornal, que tinha contribuições de outros estudantes ligados à UGES". BORGES, Rosana Maria Ribeiro; LIMA, Angelita Pereira de. História da Imprensa goiana: dos velhos tempos da colônia à modernidade mercadológica. Revista UFG, dez. 2008, ano X, nº 5, p. 81 – 82. [Dossiê 200 anos da Imprensa no Brasil].

¹⁴ "Tipo de máquina de composição de tipos de chumbo, inventada em 1884 em Baltimore, nos Estados Unidos, pelo alemão Ottmar Mergenthaler. O invento foi de grande importância por ter significado um novo e fundamental avanço na história das artes gráficas. A linotipia provocou, na verdade, uma revolução porque venceu a lentidão da composição dos textos executada na tipografia tradicional, onde o texto era composto a mão, juntando os tipos móveis um por um. Constituiu-se, assim, no principal meio de composição tipográfica até 1950." Disponível: https://www.in.gov.br/aceso-a-informacao/institucional/museu-da-imprensa/acervo/-/asset_publisher/t9VtcTqConVR/content/id/50039879/linotipos acessado em: 05 jan. 2021.

e a levava ao ‘prelo de prova’. Ali, é impressa manualmente uma prova que seguirá junto ao original para a revisão onde revisores farão suas considerações.

Normalmente alguns erros eram identificados e o auxiliar retornava com o revisado para o linotipista. Revisões feitas e nova prova liberada, a composição era encaminhada para o paginador que iniciava a paginação. O auxiliar ia compondo as manchetes de acordo com as escolhas do paginador. Tinha relação com estética e justificação de medidas, assim como o impacto visual, levando o oficial a optar, às vezes até por um certo tipo de madeira.

O barulho da rotoplana¹⁵ imprimindo o jornal madrugada afora, no mezanino enquanto alguns dormiam outros viravam com dobradeiras de osso as páginas rodadas na impressora plana. Nos bancos da Avenida Goiás, jornaleiros já esperavam as primeiras levadas da edição do dia para que rumassem aos seus pontos preferidos para vender o esperado semanário. Cedo também eram enviados as bancas e a rodoviária de Goiânia no Lago das Rosas, onde seriam distribuídos por todo estado através das linhas regulares de transporte.

Conheci inúmeras pessoas do mundo jornalístico e literário goiano. Transitavam pela oficina assim como na redação e no cafezinho com leite do seu Ari, que era o funcionário responsável por distribuir o leite, alimento que era obrigado por lei a ser oferecido aos funcionários devido a insalubridade da profissão.

Tenho nesse jornal, possivelmente no ano de 1968, uma das minhas primeiras “tirinhas” de desenho em suplemento de humor do Jornal Cinco de Março.

¹⁵ " Impressora dos jornais nas décadas de 1960/70 no Brasil, denominada de rotoplana, gastavam-se horas para imprimir poucos mais de dois mil exemplares. O processo de produção dos jornais impressos era extremamente difícil, o processo era artesanal, as fotos vinham de rolos Kodak, banhados em química para impressão da imagem no papel. Os textos eram redigidos pelos repórteres em máquinas Remington (manuais), para depois se transformar em lingotes de chumbo, linha a linha, colocadas em "ramas"(uma espécie de forma de bolo, sem fundo) e dali para a impressora rotoplana." Disponível: <https://jmonline.com.br/novo/?noticias,19,ALTERNATIVA,143177> acessado em: 05 jan. 2021.



Figura 1: Tirinha do autor em suplemento de humor do Jornal Cinco de Março. Acervo do autor.

Impedido de continuar trabalhando em tipografia por razões de saúde, voltei a trabalhar com meu pai em um pequeno escritório de desenho. Iniciado que havia por ele, aprendi a utilizar diversas ferramentas exigidas nessa complexa técnica e saber matemático. Essa última parte que domino pouco, procurava compensar com um traço limpo e seguro.

No escritório de desenho de meu pai fui trabalhar com o normógrafo¹⁶. Recordo que ele projetou a cidade do Governador Leonino Caiado¹⁷, hoje Nova Crixás, um trabalho que levamos quase um ano para realizar, utilizando ferramentas a que as gerações deste e parte do outro século não tiveram acesso e talvez nem conheçam.

O normógrafo era primordial para um trabalho bem informativo e apresentável. Trata-se de um instrumento que junto a uma régua com caracteres, numerais e letras, era imprescindível para anotações gráficas nas plantas de desenhos técnicos.

Os embates da adolescência levaram-me para a ‘estrada’. Vou morar com meus avós. No próximo capítulo irei abordar essa nova fase da minha vida em que saio de Goiânia e vou para Minas Gerais.

¹⁶ Normógrafo é um instrumento auxiliar para desenho. O tipo mais comum é o normógrafo para desenho de caracteres, porém, há outros destinados ao desenho de formas geométricas, como círculos e polígonos. Disponível: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/normografo> acessado em: 07 jan. 2021.

¹⁷ O governo de Leonino Caiado no Estado de Goiás foi de 1971 a 1975.

Capítulo 2 – As lembranças da diáspora¹⁸: as memórias do artista/artesão no (para) o mundo.

Neste momento, me encontrava no Estado de Minas Gerais, residindo com meus avós, onde volto a trabalhar em Jornal e, de acordo com o que relatei no capítulo 1, ajudava meu avô na fabricação de caixas. Nos finais de semana, vendia frangos e galinhas com ele no mercado.

Foi neste momento que tive a primeira experiência como arte-educador de maneira informal. Fui convidado a ministrar uma oficina de desenho com os educandos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e o desenho escolhido seria reproduzido em cartão de natal.

Morar em Minas me oportunizou conhecer o pessoal do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quando participamos das formações das União Estadual dos Estudantes (UEEs) e posteriormente a União Nacional dos Estudantes (UNE). Esse grupo conseguiu trazer para a cidade de Uberlândia na região do triângulo mineiro o direito dos estudantes em pagar meia passagem no transporte coletivo, aproveitando um precedente aberto para uma cidade paranaense. Junto a outro estudante, esse da Engenharia da referida universidade, fomos à cidade do Rio de Janeiro protocolar o que muito rápido se tornou realidade. Tais experiências traçaram um limite e um entendimento de quem vivia num mundo influenciado pela Jovem Guarda¹⁹ e pela Tropicália²⁰. Havia uma escolha.

Neste contexto que surgia a aproximação com a arte de entalhar a madeira, geralmente o entalhe era realizado à sombra da mangueira nos finais de semana, foram despertando lembranças de menino que fazia seus brinquedos com as ferramentas domésticas dos pais. O

¹⁸ Para essa pesquisa iremos utilizar o significado do conceito de diáspora como uma dispersão do indivíduo frente as transformações e transições da fase da juventude para a adulta e a mudança de localidade como uma forma de se expressar frente aos designios políticos que se encontrava a nação brasileira frente ao regime ditatorial militar.

¹⁹ "Movimento musical brasileiro surgido em São Paulo, em 1965, a partir de programa com o mesmo nome apresentado pela primeira vez em 22 de agosto daquele ano, pelo cantor e compositor Roberto Carlos, em companhia do também cantor e compositor Erasmo Carlos e da cantora Wanderléa, na TV Record de São Paulo. O movimento não foi estritamente musical, uniu música, comportamento jovem e moda. Esses jovens queriam saber de amor, de alegria, de alto-astral. Eram chamados de alienados pela juventude politicamente ativa." Disponível: <https://musicabrasilis.org.br/temas/jovem-guarda> acessado em: 07 jan. 2021.

²⁰ "O Tropicalismo foi um movimento de ruptura que sacudiu o ambiente da música popular e da cultura brasileira entre 1967 e 1968. Seus participantes formaram um grande coletivo, cujos destaques foram cantores-compositores como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Mutantes, além das participações da cantora Gal Costa, do maestro Rogério Duprat. A cantora Nara Leão e os letristas José Carlos Capinam e Torquato Neto completaram o grupo, que teve também o artista gráfico, compositor e poeta Rogério Duarte como um dos seus principais mentores intelectuais." Disponível: <http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento> acessado em: 07 jan. 2021.

serrote, o martelo, o facão, eram utilizados na fabricação de estilingues, (não para caçar), mas para fazer guerra de mamona. Carrinho de rolamentos, carroças, arco e flecha, revólver de madeira para brincar de *cowboy*. Um dia, já ganhando um ‘troquinho’, comprei um revólver de plástico e era o ‘bambambam²¹’ da brincadeira. Certa feita, era hora do almoço e meu pai viu meu ‘trintoitão²²’ sobre a mesa e perguntou de quem era aquela arma. Disse que era minha, ele pegou seu facão cabeça de cachorro, desembainhou-o e num corte transversal cortou a arma em dois.

Na sombra da mangueira foi germinando as ideias de trabalhar com arte. Sempre gostei de desenhar. Uma prima segunda, por parte de mãe, emprestou-me um jogo de formões. O pai dela era exímio artesão, José Gouveia, que mais tarde veio morar em Goiânia, sendo a porta do Teatro [Goiânia] uma de suas inúmeras obras. É ele pai do artista e professor da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, Cleber Gouveia.

Os sonhos foram se formando e materializando em forma de entalhe. Talvez essa entronização aos elementos que o tempo me fez ver: tijolos, peças de cerâmica, medidas sistemáticas dos desenhos técnicos, clichês, edições de jornais, livros que nas práticas tipográficas exerci, pareceu-me uma certa constância em minha jovem vida profissional. De súbito, fui embora.

Volto para Goiânia. Foi uma decisão muito difícil de ser tomada. Converso com minha mãe, e ela arranhou cinquenta, de um dinheiro de que não me lembro como era chamado. Sei que fui a uma das muitas madeireiras que vendiam ‘sobra’ da madeira mogno, o que deu para entalhar figuras camponesas, talhas essas que logo vendi em visita àquele escritório que acolhera meu pai quando a ditadura subtraiu seu emprego. Voltei para casa bastante feliz, compartilhando o ocorrido com minha mãe.

A partir de então me envolvi decididamente com a arte. Aos domingos ia à Feira *Hippie* que funcionava em frente ao Palácio das Esmeraldas. Era bastante diversificada e original, espaço nunca mais criado, que com ela se comparasse. Mauricinho Hippie marcava sua presença com suas singulares aparições em sua bicicleta, antecipando várias tendências artísticas.

Um ano após, fui convidado a participar de uma exposição oficial de nome ‘Talentos Novos’. Muito novo e inexperiente, foi ali a primeira decepção com a arte, percebendo logo os meandros que se deve percorrer para nela se estabilizar.

²¹ Popularmente o melhor naquilo que faz.

²² Revólver, arma de fogo de calibre 38.

Um crítico de arte, publicando sobre a exposição, opinara que era eu o único artista da mostra. Aquilo me fez muito mal. Havia ali próximo amigos artistas, inclusive de ateliê e Feira *Hippie*. Havia também um posicionamento íntimo de caráter solidário e crítico trazido dos grupos de estudos da época do movimento estudantil junto aos universitários em Minas Gerais.

Não me interessou mais o mundo das galerias de arte. Um dia fui convidado para participar da Semana de Folclore. Aquilo que viria transformar meu olhar para com as possibilidades de estar inserido em algo que não fosse artificialmente e oficialmente chancelado: o artesanato. Assim acreditava.

Era o governo de Ary Valadão²³. A primeira dama do estado a organizadora, tudo fez para acontecer um espetáculo de cultura e saberes populares de excelência. Lembro da oposição, que a condenou por trazer os artesãos de Tocantins, à época território goiano²⁴, nos aviões do governador.

Para quem conhece o artesanato do Tocantins sabe bem o quanto aquele artesanato abrilhantou a Semana de Folclore. Todos os dias aconteciam apresentações distintas. Procissão do Fogaréu, Cavalhadas, catira, viola, grupos de diversas manifestações culturais. Foi reservado *stand* para que artesãos apresentassem tecelagem de inúmeros municípios. Congo, Tapuios, músicos e demonstrações de suas habilidades no manuseio com as ferramentas e domínio da matéria-prima existente e utilizada no estado.

Foram convidados a demonstrar a modelagem em barro os ceramistas Antônio Poteiro e Elifas. Na pedra sabão, Loures, exímio artista de Anápolis. Na madeira a professora Helena de Aquino e eu. Nunca havia visto algo tão rico enquanto imagem e som. Aquilo levou-me a uma admiração e respeito por tudo aquilo que foi apresentado.

Essa semana de demonstração rendeu muitos contatos. Um deles foi ensinar a técnica de entalhe em madeira que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), dentro de uma política de aprendizagem que o órgão oferecia aos colonos. Havia também a técnica do couro, barro, trançado em corda de malva, macramê e marcenaria. Essa colônia chamava Bernardo Sayão e ficava na região de Araguaína, hoje atual estado do Tocantins.

Bem cedo me compreendi operário da arte. A experiência por galerias foi para mim decepcionante. Não do ponto de vista da arte, mas do mundo que se acredita fazedor de seu

²³ Governador do Estado de Goiás entre os anos de 1979 a 1983.

²⁴ O Estado do Tocantins nasceu em 1988, quando foi separado de Goiás. O fim do isolamento e do abandono era o grande argumento dos moradores do então norte de Goiás, que reivindicavam a separação. Disponível: <https://secom.ufg.br/n/13728-criado-em-1988-tocantins-cresceu-mas-ainda-enfrenta-problemas> acessado em: 08 jan. 2021.

mover. Nem todos são obrigados a acreditar nisso. Acho que fui um deles, o que não foi nada bom para quem pretendia fazer carreira na arte.

Fui certa feita convidado a participar de uma reunião com artesãos, nos finais da década de 1970. Nesse grupo, iniciamos com 84 artesãos. Não entendia muito das políticas do artesanato. Estava vindo de Minas Gerais onde participei da União Estadual dos Estudantes Secundaristas (UEEs) para formação da União Nacional dos Estudantes (UNE), o que me deixava bem tranquilo para participar das reuniões dado o aprendizado nos grupos de estudos com o pessoal da engenharia e reuniões no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Minas Gerais. O que facilitou a compreensão dos assuntos referentes ao artesanato, assim como também os aspectos teóricos que foram estudados, como os que foram diagnosticados e transformados em material de pesquisa e pauta para discussões.

Por três anos e meio nos reuníamos uma vez por semana na Secretaria de Serviço Sociais de Goiás, na cidade de Goiânia. A Reunião era dividida em assuntos do artesanato e uma pálida compreensão da história. Nessa época participavam alguns expoentes que migraram do artesanato para a arte. Não ficaram por muito tempo, deixando patente que suas presenças em um movimento de certa forma político e de organização de categoria batiam de frente com a postura que se devia cultivar para se tornar um artista de galeria.

Às vezes fico pensando quantas pessoas conheci por estar envolvido com artesanato. Frei Marcos foi uma liderança cultural que conheci nessa associação. A cidade de Goiás, assim como a cidade de Porto Nacional no estado do Tocantins que naquela época fazia parte do estado de Goiás, possuíam associações em pleno funcionamento. A associação de artesãos de Goiânia muito nova, foi observando a experiência das outras duas. Fenômenos próprios dos acontecimentos políticos e sociais foram sufocando a entidade até que não resistiu e acabou. Foram anos intensos de somas, encontros e esperanças.

Uma época de apagamentos, muitas artesãs e artesãos não continuaram no ofício. A globalização enxergava também no artesanato um filão financeiro em um tempo de miséria e desemprego. Políticas foram criadas no Nordeste voltadas para produção do artesanato. Uma política parecida com os capitalistas do início do liberalismo econômico. Arrancar se preciso de forma espúria a sabedoria em fazer e os meios de produzir, que o mestre de ofício desenvolvia. Logo, aquele sapato que levaria dias para ser feito era agora encontrado fabricado em escala de produção, na indústria que o financista montou a partir do conhecimento do mestre artesão.

Assim como na Revolução Industrial, essa prática de usurpar conhecimentos se deu também no Nordeste com a fabricação de “mestres”. Primeiro dando esse título a determinados profissionais, criando no sujeito uma espécie de estandarte governamental. Com o aliciamento oficial ou privado. De acordo com Mazza *et al*, a partir do século XVIII “o modo de proceder industrial, pelo qual a lógica de acumulação de capital passa a ser uso da máquina na composição artística. O novo modo de organizar a relação produção/consumo alterou conceitos, valores e comportamentos tradicionais.” (MAZZA; IPIRANGA; FREITAS, 2007, p. 2).

Essa era uma prática que pude observar nas feiras nacionais de artesanato onde eu participei. A maioria dos estados tem esse comportamento. Em poucas pude perceber unidade e consciência de categoria. Observando a partir de uma percepção de inerência, o artesanato era para estar ligado ao Ministério da Cultura. Todavia, estava associado ao Ministério da Indústria e Comércio. Lembro bem da transferência. Era uma época como outra qualquer onde a lógica é o mercado que expõe e impõe.

No início do texto, aludi à impossibilidade de referenciar os fatos por mim narrados devido ter sido apenas testemunha visual, ouvinte ou participante direto. Neste sentido me deparei com limitações no sentido de trazer referências sobre os assuntos que estou tratando, ou mesmo pessoas, cujos nomes completos me fogem à memória ou não posso nominar por razões éticas.

Recordo certa feita que o presidente da Associação de Artesão de Goiânia enviou-me convite para uma palestra a ser proferida por estudioso do artesanato que vinha de Brasília. Nessa época eu já não era mais associado. Mesmo assim compareci.

O local da palestra foi o auditório da Câmara dos Vereadores de Goiânia. Lembro de encontrar dois artesões do meu tempo, um deles veio mais tarde estudar comigo no Instituto Federal de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o artista/artesão Helder Antônio, agora educador graduado em Licenciatura em Artes Visuais. O outro, um daqueles artesãos que não seguiram. Não conseguiram. O sistema o desiludiu.

Não havia muitas pessoas na palestra, mas as que estavam pareciam ouvir atentamente. Eu mesmo fiz muita questão de estar, pois já entendia o setor do artesanato enquanto cultura em situação de desmonte. Era combatido pelo preponderante entendimento dele enquanto moeda. Qualquer assunto que viesse somar aos meus anseios de entender esse desatino me era por demais importante. Escutei com interesse.

Disse ele que o processo teve início nos anos finais da Ditadura Militar. Contou que o governo entendia ser a produção nordestina de artesanato uma saída financeira para amenizar

o desemprego que assolava a população daquela região. Conjecturou. Parecia mais uma questão de logística, pensei.

Ouvi com cautela, visto que uma ‘vitrine’ bem localizada favorece muito. Se o circuito de venda for os grandes centros, a possibilidade se torna mais significativa. Pelo que pude entender, ele não falava novidade nenhuma no que tange ao campo do comércio. A distinção é que havia uma forma oficial de dar combustão a essa logística.

Era naquele momento, o braço do Estado quem ‘dava as cartas’. Pode-se, pois, dizer que o governo era centrado num corpo de pensamento ideológico que direcionava o caminho a ser seguido pela instituição. O poder também aparecia em forma de oportunismo e conveniência. Nada mais providencial do que fazer uma política de visualidade para hipnotizar a população em determinados períodos. O colorido da cultura brasileira tem seu poder de deslumbre. Torpor, até.

As novelas globais em seu papel formador da mentalidade e do senso comum brasileiro, fizeram também uso dessa cor quando estrategicamente o artesanato brasileiro decorava a sala da elite representada em um *set* de filmagem. No que parece uma iniciativa de difundir o artesanato brasileiro, visto em um primeiro olhar, mas o intuito mesmo é dar visibilidade a estratégias de acomodação para seus pares ideológicos. Assim como esse portentoso meio de comunicação politicamente não defende as auxiliares domésticas, as representações as fazem amigas e confidentes de suas ficções.

Como que orquestrado, as instâncias participantes do atentado à democracia têm direcionamentos intrínsecos. Na parte comercial há também o uso da visualidade para diversas situações. Observo por décadas os programas dominicais televisivos, formando a cabeça pensante do brasileiro. Um lugar para fazer a mostra de algo, é, portanto, estratégico para se produzir um domínio. O modismo é uma forma de estabelecer certa uniformidade. Sua força de alcance é estupenda.

Com o artesanato também é o mesmo. Precisa de um espaço para ser mostrado. O mais está agregado ao produto. Cultura, identidade, beleza e criatividade. O artesanato, como a arte, a música, foram cooptados pelas estratégias do mercado capitalista da indústria cultural, que segundo Adorno e Horkheimer, possui padrões que se repetem com a intenção de formar uma estética ou percepção comum voltada ao consumismo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985)

Esse lugar de exposição em relação ao fabricante da peça está diretamente ligado à maneira com que o artesão se posiciona na sociedade enquanto sujeito crítico. A política oficial e a mercadológica para o setor, se preciso moldam um personagem para fazer o trânsito entre

os outros artesãos. Existem aqueles que não se enquadram nesse sistema. Boa parte, por motivação crítica, opta pela rua para ser sua vitrine. A liberdade própria da profissão faz com que o artesão crie uma distância em relação ao que limita, seleciona e impõe. Não significa que a totalidade deles pense assim.

O palestrante insistia na política paternalista incidente por entre o artesão, o artesanato e o mercado. Nos estados e municípios, tampouco diferentes, já presenciara eu situações equivalentes. Normalmente as primeiras damas são as responsáveis por esse setor. Providenciar que se prepare a cesta de presentes regionais para convidados ou autoridades, é uma das atribuições que a elas compete. O trâmite por entre os profissionais da área se faz uma constância. ‘A mãe do artesanato’.

O quadro ilustrativo apresentado pelo orador rascunhou, por assim dizer, a imagem da maior loja do artesanato nacional, localizada na região mais nobre da capital federal. Em seus expositores, artesanato de todo canto do país. Poderia se imaginar da viola de coxo do Mato Grosso à escultura de Mestre Dezinho, do Piauí. A esposa de general era quem dirigia aquele imenso acervo.

Quando o palestrante discorreu sobre a pessoa daquele ‘*marchand*²⁵’, atravessou-me pelas lembranças a prática que era exercida sobre o produtor da obra. À época, início da década de 1990 estava envolvido plenamente com o artesanato, vivenciei uns cinco mandatos de governadores. Em cada mandato, a situação do setor foi encaminhada de acordo com a conveniência de suas políticas. Na maioria das vezes equivocadas até mesmo ao empossar profissionais que não são da área, trazendo transtornos para a categoria, seu ganha-pão, para a cultura e principalmente o impacto causado no aspecto social no cotidiano dos artesãos.

As contradições que emanam do poder público em relação ao entendimento quanto ao setor do artesanato são responsáveis por inúmeros apagamentos de fontes criativas, tanto subjetivas quanto objetivas. Os que estavam mais próximos localmente desse campo de poder, ou eram aliciados por esse engano durante a permanência daquele governo, ou buscavam na unidade da categoria uma forma de bater de frente com o antagonico. Credito o Estado como o maior desarticulador da cultura, entre as instâncias de poder.

Voltando à realidade da época, mesmo sendo um momento de abertura política, a desestruturação causada pelo golpe de 1964 em pouco ameniza e o país continua castigado por uma política de arrocho, devido estar entregue e submisso às conformações geopolíticas do momento.

²⁵ Negociante que compra e ou vende obras de arte, galerista.

A metáfora de um enorme bolo foi usada pelo ministro da economia dos anos de repressão, como que para ‘explicar’ o que estava acontecendo com o mundo. Justificando a necessidade da política de aperto, apontava com gráficos que o país precisava desenvolver. ‘Combater a ameaça comunista’. Para isso era necessário que os países ‘democráticos’ se unissem no feitiço desse ‘bolo’.

‘Ame ou deixe-o’, era a ameaça dos militares e seus asseclas direcionadas aos democratas. Uma espécie de ‘Vai prá Cuba!’, muito usado pela população entorpecida pela visualidade engendrada para dar sustentação ao golpe de 2016²⁶. A televisão brasileira foi um dos instrumentos mais utilizados para tal fim, principalmente os que atingem um público menos informado. Então os informam consonantes a seus intentos.

Voltando ao bolo, dizia o bem alimentado ministro, que depois de pronto, seria dividido entre os países que ajudaram nos ingredientes. O Brasil ajudou com a Siderúrgica Nacional e outras estatais de grave importância para a autonomia do país. Nenhuma fatia chegou até aqui, pelo contrário, entenderam que o país era propenso para o entreguismo e ciclicamente atacam suas instituições e promovem um saque. Foi assim também com a telefonia, a energia elétrica e atualmente um fulminante ataque ao setor industrial, as reservas florestais, a água e o desprezo pelo seu habitante. Algo testemunhado diuturnamente e propagado pela imprensa internacional, quanto ao comportamento estatal durante a pandemia da Covid-19²⁷.

Também esses ataques sempre estiveram direcionados para a cultura. Quase sempre desmontam o ministério responsável pela área das artes. Em todos os golpes acontece isso. Na passagem para a República intentaram contra a Academia Imperial de Belas Artes.

O palestrante lembra a distância do poder aquisitivo que o Distrito Federal e as regiões Sul e Sudeste sempre tiveram em relação as demais. Uma mercadoria que era comprada por centavos nas regiões mais pobres, indígenas e quilombolas, era vendida nos centros do sudeste e sul por valores imensamente superiores. A cerâmica do Vale do Jequitinhonha, na parte mais sofrida de Minas Gerais é um exemplo de como pode se fazer uma construção em cima de uma ideia e transformar em objetivos financeiros. Os objetos da etnia Carajás que há tempos atraem

²⁶ Por Michael Löwy, "o que aconteceu com o Brasil com a destituição da presidente eleita Dilma Rousseff, foi um golpe de Estado. Ver mais em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-golpe-de-Estado-de-2016-no-Brasil/4/36139> acessado em: 07 jan. 2021.

²⁷ Enquanto escrevemos a pesquisa de TCC, grassa no mundo a Pandemia do novo coronavírus, com a doença denominada de COVID-19. O primeiro caso da pandemia foi identificado em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019. Desde então os casos começaram a se espalhar rapidamente pelo mundo: primeiro pelo continente asiático, e depois por outros países. No dia 12 de janeiro de 2021, o número de mortes no mundo chegou à 1.953.866 (um milhão, novecentos e cinquenta e três mil e oitocentos e sessenta e seis pessoas) e no Brasil o número de óbitos bateu 203.580 (duzentos e três mil e quinhentos e oitenta pessoas). Disponível: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros/> acessado em: 12 jan. 2021.

coleccionadores e estudiosos de sua cultura, é outro fenômeno. A cerâmica marajoara que foi modismo por muito tempo e o desmonte de sua utilidade cultural e identidade, é emblemático exemplo de um epistemicídio em nome do capital. Que leitura fazer dessa ‘cerâmica marajoara’ espalhada hoje no Brasil? Que leitura fazer dessa mimese estabelecida pelo capital e alimentada por enganosas políticas públicas? Enganosas de estarem enganados e de enganar. Uma pergunta difícil de responder que só o tempo veio na prática e na teoria elucidar para minhas interrogações.

A narrativa do palestrante encaminhava por trajetos que me eram conhecidos. Ouvia com atenção, pois o assunto era pertinente ao que eu pensava. Escutei atento ao que parecia ser o embrião que germinou toda essa desconstrução cultural. Assim ilustrou ele:

As feiras livres nordestinas nos grandes centros, atraíam além de sua comunidade que vivia nessas metrópoles, por vezes, visitantes que se viam visualmente envolvidos diante a enormidade do potencial cultural que aquele povo conseguia manifestar e agregar. Aquele acontecimento dominical do cotidiano dos imigrantes nordestinos passou também a ser circuito de visita por parte de comerciantes de arte.

Aquele lugar onde a identidade se materializa em cores, sons, sabores e gestos. Onde a saudade da terra natal é amenizada na alteridade que parte do outro e de si. De fora, com o faro monetário aguçado, o atravessador passa a visitar tais feiras.

O preço de uma peça de barro comprada numa feira livre de produtos nordestinos em São Cristóvão no Rio de Janeiro ou na feira da Ceilândia no Distrito Federal, e posteriormente vendida numa galeria de arte em Curitiba, São Paulo ou Amsterdã, alcançava valores percentuais exorbitantes. Tudo dependia do atravessador.

Deixava o orador em suas palavras, nitidamente observado uma forma de servidão a que mais uma vez o homem brasileiro se sujeitava para com o intermediário. Procura mostrar o trafegar do mundo da arte por entre os fenômenos da materialização de conceitos errôneos e escolhas dúbias.

Uma vez, esse atravessador percebendo que determinada mercadoria de artesanato (ou arte) possuía uma ‘pegada’ de venda, ele dirigia-se até ao artesão, adiantava uma pequena quantia financeira, por assim dizer satisfazendo suas necessidades, e depois de determinado tempo se deslocava para buscar a produção. Normalmente ele comprava toda mercadoria, uma forma de manter o artesão preso a ele.

O palestrante fez uma pausa para contar uma dessas histórias que aconteceu com um mestre artesão, o conhecido ceramista Mestre Vitalino de Caruaru, no agreste do estado do

Pernambuco. O assunto logo me chamou a atenção, pois eu conhecera a casa/museu do conhecido artista quando da ida àquela cidade representando a Associação dos Artesãos de Goiânia no Encontro Latino Americano de Folclore e Artesanato, na década de 1980. Estava também o Frei Marcos da Associação dos Artesãos de Goiás e uma artesã representante da Associação de Artesão de Porto Nacional. A casa de Vitalino fica na periferia da cidade, numa região chamada Alto do Moura.

Ali, o palestrante conta que era um lugar onde os ceramistas da região faziam peças utilitárias em barro. Uma tradição que vinha de longa data, assim como a feira livre daquela cidade onde a cerâmica era vendida aos domingos. Provavelmente peças compatíveis com as que Maurício fazia na olaria da Vila Fama, peças para serem usadas no dia a dia doméstico. Mestre Vitalino, ao contrário, sempre fez seus ‘bonecos de barro’.

Certa feita, conta, um desses comerciantes do Sul teve a ideia de ir a Caruaru comprar diretamente do mestre as peças produzidas. O mestre artesão possuía a fama de chegar de madrugada à famosa feira. O comprador sulista sabendo disso por especular, bem cedo também foi para a lá. Conta o orador que não havia raiado o dia e Vitalino ainda retirava dos cestos as preciosas cerâmicas, que queimara e pintara num simples e alegre colorido.

O financista foi aproximando e jogando conversa para ver se conseguia seu intento. Acontece que o mestre já era um homem mundialmente conhecido. Outras pessoas já o haviam descoberto. Outra qualidade de pessoas. Mestre Vitalino frequentava a feira por ser ali o lugar de encontro de infinitas situações e aquele fervilhar de acontecimentos é que fazia estar ali presente todo domingo que pudesse. Agora ele já era um sujeito andado. Seu trabalho o levou para muitos e distintos lugares. Nem todo domingo estava em Caruaru na famosa feira. Esse dia para o atravessador pareceu um de muita sorte.

Depois de uma longa viagem e noite de muito calor, está ali, defronte daquele que seria o supra pagamento por tantas dificuldades passadas. Vai conversando e observando Mestre Vitalino organizando suas ‘esculturinhas’. Elas retratam o cotidiano do povo nordestino. Uma das mais famosas é a ‘Banda de pífo de Caruaru’. Calmamente desembalava a carga até que, de repente, depois de muito conversar, o sulista fala para o artista:

- Não precisa descarregar que eu vou comprar tudo! Exclamou de súbito.

Diz o palestrante que o artesão deu uma parada no que estava fazendo e fitando o atravessador, perguntou a ele:

- Se eu te vender tudo o que vou ficar fazendo aqui na feira, cabra? E continuou seu ritual.

Porém, nem todo artesão é mestre no tirocínio em lidar com esse tipo de mercador.

A palestra segue, curiosa. Demonstra como uma experiência de determinada pessoa pode resultar em um visionário plano de outras. No olhar de um intelectual que consegue fazer a leitura da obra em sua totalidade; no olhar do mercador, que enxerga o lucro e com o dinheiro uma forma de trazer a produção do artesão e ele sobre seu controle; por outro, o aliciamento das políticas no intento programado do status quo. Por suposto também o apreciador, alheio, contudo movedor e motivador da criação artística.

O lucro é imenso. Se a pessoa tem em suas mãos o controle do artesanato ao nível de município, estado ou federação, detém o domínio sobre várias instâncias. Imagine o leitor quão rica era essa loja de Brasília. Por ser a Capital Federal no centro do território, a facilidade para chegar mercadoria de todo canto do país, era uma vantagem logística bastante favorável. Até mesmo o artesanato indígena devida proximidade com as regiões por eles habitadas.

Discorrendo ainda sobre o assunto, o palestrante fala daquele movimento frenético de pessoas proprietárias de galerias país afora, lojas de artesanato, decoradores e arquitetos em um período que uma classe social decorava suas propriedades, e as embaixadas, sua diplomacia com a criação do artesão em situação de penúria.

Quando encontram uma ‘mãe do artesanato’, conseguem uma vida mais tranquila, podendo até arranjar um ou dois desempregados para ajudar na produção que no Sul era consumida. Alguns mercadores da arte levavam o produto para a Europa. Foi preciso inclusive criar legislações próprias para o artesanato indígena, devido inúmeras situações danosas causadas com o aliciamento dos autóctones. Esse processo insustentável estava levando certas aves e outros animais à beira da extinção.

A história vem contando esse período. A verdade vivida naqueles duros anos de ditadura, vem aos poucos sendo revelada. Cada categoria profissional tem algo de danoso para contar. Até mesmo entre os reacionários. No artesanato, seguindo a fala do orador, a atuação foi de apropriação de legal domínio sobre a criação do artesão. Aqueles que porventura destacavam por sua produção se tornam a uma espécie de bibelô a ser apreciado e valorado. Por vezes eram levadas às feiras nacionais de artesanato por todo país, ocasião em que ficavam nos estandes de seus estados, fazendo demonstração de técnicas. Muitas vezes presenciei isso. Algumas indo a convite do estado, outras por conquista de associações.

As políticas governamentais para o setor sempre esbarram e afundam nos rodízios políticos. Quando o artesão acreditava que a categoria estava sendo atendida com políticas

pertinentes por parte do estado, perdendo a eleição, o próximo mandatário a assumir desmonta tudo que fora construído. Nova ‘Mãe dos artesãos’. Velhas políticas de descontinuidade.

O atravessador, essa figura emblemática, por ser sobretudo paternalista, estava agora também em instâncias oficiais, determinando políticas convenientes para o setor. Coniventes com seus interesses.

Por mais de quatro décadas observo essas pessoas. Por vezes dependi delas para continuar movendo, tanto meu produto, quanto a mim. Sempre resguardando uma distância, posto que minha produção era pequena e eles quase não ganhariam. Outros motivos foram causados pelos embates políticos em que a vida toda estive envolvido. Com o artesanato não podia ser diferente.

Com efeito, quando o Estado é usado para o papel de suporte de atravessador a situação da seletividade fica ainda mais evidente. Na prática, o produto que vende mais é o fator de escolhas desses ‘representante’ do Estado. Poderia se dizer o “carro chefe do estande”. Nem que para isso a peça de outro artesão nem saia das caixas que foram embaladas para serem expostas e oxalá vendidas. O artesão que enviara peças para exposições avalizadas pelo Estado, ficara em casa esperando o resultado das vendas da propalada “melhor feira do país”, na expectativa de cumprir suas obrigações financeiras. Nem fica sabendo que seu trabalho tampouco havia sido desembalado. Práticas tais, foram e são ainda comuns e naturalizadas.

No momento em que escrevo esse texto, lembro de algumas semanas passadas, de quando veio a mim artesão da cidade de Goiás, onde moro e estudo, especular se eu sabia algo sobre as peças de artesanato que teriam ido para Goiânia e que notícia nenhuma fora dada sobre o destino da produção aos artesãos daquela cidade. Quase nada mudou, pensei. Chegamos a aventar a possibilidade de ser a pandemia o motivo para esses desencontros. Entretanto a pessoa me relatou que determinada artesã havia enviado peça para tais exposições havia dois anos e nada de dinheiro ou as peças. O primeiro pensamento que me veio à lembrança foi a idade dela e seu frágil corpo ao encher o forno de enormes potes e sustentar o fogo aceso que a queima exigia. Essa era a imagem que guardava daquela senhora. O pouco tempo que a estive observando em sua labuta, presenciei a força de vontade em modelar, queimar e comercializar seu trabalho. Pensei, se acontece nesse município, vá saber os distantes.

Ficar novamente sabendo que o poder público é o instrumento usado para esses desmandos, sustenta a desconfiança que por décadas foi alimentada por ilusórias decisões tomadas por instâncias que deveriam torná-las reais. Reais quanto à materialização do

imaginário do artesão. Materialização que motivou a criação de gabinetes oficiais para nominá-lo e direcioná-lo. Algo muito contraditório.

Nesses momentos pensamos nos anos que poderiam ser dedicados a uma política em que a categoria se entenda unidade e liberdade, algo como sua criação. Entretanto os tentáculos do *status quo* definem rumos, aliciam profissionais. De ambos os lados. Por parte do funcionário público que usa as ferramentas do Estado para aliciar e o artesão que se deixa aliciar. Observei a experiência de ambos. Entendi que escolher o artesanato enquanto cultura e posicionamento crítico era caminho para divergência. A pergunta feita e sustentada como a única verdade era: ‘Quem vai comer cultura’? Perguntavam, nervosos, nas reuniões. O senso comum perdurava. Se sustentava na impossibilidade do próprio artesão não se compreender valor outro que não o financeiro.

Houve determinados momentos nas décadas finais do século XX que o modismo do artesanato acelerou sua produção, como demonstrado com a cerâmica marajoara. O artesanato composto de cultura, técnica apurada e identidade, sobreviveu em determinadas localidades, devido ao distanciamento dos grandes centros. Algo como que o patrimônio arquitetônico da cidade de Pirenópolis que pouco foi modificado desde o final do ciclo aurífero.

Presenciei em inúmeros eventos de que participei, o artesanato reproduzido de uma região para outra, deixando claro que o que expõe é o que se vende. As peças criadas por Mestre Vitalino são reproduzidas por além de artesãos de Caruaru, por grande parte do Nordeste. Nas feiras nacionais, onde se pode fazer uma leitura mais abrangente fica claro a liquefação da cultura, exposta nessa mimese de produtos que de um corredor para outro ou mesmo de estande para estande, se observa a repetição da criação de um estado da federação por outro. Esse processo solapa a gênese de uma obra de arte, o ato de percepção ou de memória de um momento vital para a consciência de um artista na sua criação é solapada pela mimese. (MAZZA; IPIRANGA; FREITAS, 2007)

Tais fenômenos, por não serem equacionados, proliferam pelo tempo. Assumindo a identidade de um, pessoas unem a necessidade ao mal caráter e apropriam daquilo que o outro criou e enche o mercado com as cópias. Fato assim, presenciei recentemente na cidade de Goiás, em loja de artesanato. Trata-se de réplica de um famoso artesão alagoano com quem expus no Teatro Castro Alves em Salvador, Bahia, também na década de 1980. Talvez ele nem tenha conhecimento disso. Pois uma prática que essas pessoas usam é comprar a peça original, fazer formas de borracha e produzindo, vender longe do domicílio ou domínios do artesão.

Demonstração clara de que essa categoria de comerciante, assim como as políticas públicas danosas ao artesanato, sobrevive ao tempo cada vez mais corroída e seletiva, em consonância com as políticas para a educação. Ficam evidentes as armadilhas para com a cultura e seus fazedores. É algo como que institucionalizado ou abandonado. Vai-se compreendendo com o tempo.

Como que um negócio, continuidade de uma prática clientelista e paternalista, fazendo um jogo e desagregação profissional, essas políticas se fortalecem na desunião da categoria. “Da força da grana que ergue e destrói coisas belas”. Pegando emprestado trecho da composição Sampa, de Caetano Veloso para ilustrar a construção e a vulgarização dos elementos de cultura do povo.

Com o artesanato, tive desencanto e alegrias. Uma alegria constante com a obra, fazedores e apreciadores. As Feiras, festivais, encontros, seres, povos. Conhecer lugares. Um desalento de quatro em quatro anos (com as eleições e trocas de governos) com políticas oficiais e suas danosas consequências ao coletivo produtor.

A percepção de entender que a mão do Estado em políticas para a cultura pesa à medida em que questionamentos são feitos, as críticas e o inexorável desmentido afloram. Acreditava que ele deveria ser o guardador das memórias vivas, e o entendi protetor das conviências. Pois bem, não se pode esquecer a quantidade de secretarias e escritórios e inúmeros órgãos que foram criados para gerir tão promissor mercado. Enxergaram no artesanato a “galinha dos ovos de ouro”.

O país com milhões de desempregados, uma ocupação que fosse, já era entendido como trabalhando. O trabalhar com as mãos sempre foi uma atividade do povo brasileiro. Os nativos da terra até hoje confeccionam objetos utilitários, lúdicos, ritualísticos que carregam de sua ancestralidade nos milhares de anos habitando Pindorama.

Com a chegada dos portugueses e consequentemente dos jesuítas, os autóctones passaram a desenvolver outros tipos de trabalhos que eram ensinados por aqueles religiosos. Quando os exploradores criavam uma cidade, a igreja criava ali uma escola. Os aldeamentos eram uma forma de desconstruir a cultura do povo da terra para impingir uma outra. Esses aldeamentos precisavam de utensílios para diversos fins que conformassem as necessidades dos portugueses.

Em território goiano, desde o século XVIII os portugueses criaram os aldeamentos indígenas, eram eles: Rio das Pedras (1741), Rio das Velhas (1750 –1775), São Francisco

Xavier do Duro (1751), São José do Duro e São José de Mossâmedes (1755), Nova Beira (1775), Maria I (1780) e Carretão de Pedro II (1788). (ROCHA, 2001, p. 33)

A formação educacional aristotélica dos Jesuítas, trazia em si as heranças impregnadas pelo classicismo helênico. O desprezo pelo trabalho manual é uma dessas heranças. De pronto foi solucionado com a mão de obra indígena. Em seguida a classe dominante colonizadora a transferiu para o homem negro. Escravizando-os. Séculos depois a chegada dos imigrantes europeus para suprir a mão de obra dos escravizados africanos libertos. Outras culturas foram acrescentadas e conseqüentemente novas releituras estéticas e utilitárias aos objetos criados manualmente.

Essa mescla de cultura temperou o caldo cultural brasileiro, possuindo em seu artesanato uma singularidade que se observada enquanto cultura, farto material de pesquisa pode ser encontrado. Quiçá proporcionar subsídio teóricos que sustentem ações alvissareiras para com essa categoria de profissionais por tempos fragilizadas por preconceitos, seletividade e apropriação cultural.

O desalento do artesão consciente de seu papel social para com as políticas culturais, tem possivelmente o mesmo desalento de um professor para com políticas voltadas para a educação pública. Realidade que testemunhei nos estágios do ensino fundamental, enquanto licenciando em Artes Visuais.

Por bem, aproveitei as possibilidades de conhecer lugares. Lugares de memória, conforme Nora:

Os lugares de memória, são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. (NORA, p. 1993, p. 21 – 22)

Minhas ferramentas possibilitaram isso, meu ofício, as relações simbólicas e os valores sentimentais em cada peça produzida, os lugares visitados, as amizades conquistadas. A curiosidade de criança fez com que as experimentasse e a decisão de adulto as assumisse como instrumento de trabalho e movimento. O artesanato sendo a moeda que faz mover, abre espaços nas feiras, mostrando que “quem sabe faz a hora” (referência à música de Geraldo Vandré). Foi assim na temporada de verão em Villa Gesell, na Argentina.

Meses antes, Nino, um artesão que trabalhava a prata e era originário daquele país, à noite expunha comigo e outros artesãos de rua, na Praça Tiradentes em Ouro Preto. Falou-me sobre a temporada de férias que acontecia no litoral do país de Maradona²⁸. Aquilo ficou remoendo minha mente até que resolvi ligar para minha mãe e sentir sua orientação e aprovação. Foi o que aconteceu. Abençoou-me e transmitiu muita confiança.

Relatando a ele que não tinha dinheiro para a passagem, ele disse que não me preocupasse que ao chegar em São Paulo eu venderia minhas esculturas em lápis. As esculturas em lápis foram uma forma que encontrei de vender mais rápido e com preço mais acessível as minhas obras tridimensionais. Foi no encontro em Caruaru. Havia levado apenas trabalhos maiores, o que limitava fazer alguma transação financeira. Ali presenciei o quanto o artesanato da região nordeste era desvalorizado em relação aos demais. Saí e comprei alguns lápis.

A primeira criação na madeira do lápis foi uma cabeça de mulher com um pote na cabeça. Recordo que depois foi a cabeça de São Francisco com o capuz nas costas e depois a cabeça de homem com chapéu. Logo que fiz a primeira já vendi por um preço compatível com a realidade de onde me encontrava. De volta, empolgado com a fluidez da mercadoria, fui completando seus corpos e diversificando a criação. Vez o outra desenvolvia um personagem diferente. Ao longo do tempo eles foram surgindo. Quando fui para Ouro Preto, gostava de centrar em dez que eu achava mais vendável.

Na cidade do escultor Antônio Francisco Lisboa, impressionado fiquei com a obra daquele criador de tamanha significância artístico-cultural para a história do Barroco nas Américas. Não me atentava à época, que, não obstante a sua contribuição para a construção artística no contexto da arquitetura e das artes visuais, que no futuro elevaria Vila Rica à condição de Patrimônio Cultural da Humanidade, o estereótipo legado de "Aleijadinho", como era chamado, foi assim que a história oficial o homenageou. A mesma história que apagou a história de outros não brancos de suas páginas.

A Igreja de São Francisco, uma das mais belas construções do escultor mineiro, era o lugar onde eu passava o dia esculpindo os lápis. Com o tempo as pequenas esculturas incorporaram os atores sociais que os representavam. Estavam tecnicamente bem talhados e visualmente desejáveis. O São Francisco, daquela cabeça e capuz em Caruaru, possuía agora

²⁸ Diego Armando Maradona nasceu em Villa Fiorito, na cidade de Bueno Aires, Argentina no dia 30 de outubro de 1960, foi o maior jogador de futebol da Argentina de todos os tempos, após encerrar sua carreira como jogador foi treinador, aos 60 anos, no dia 25 de novembro de 2020, Maradona faleceu em casa (Buenos Aires) depois de uma parada cardiorrespiratória. Disponível: https://www.ebiografia.com/diego_maradona/ acessado em: 08 jan. 2021.

sua indumentária conhecida. Uma pombinha, plana, ladeando o cordão que segura a veste e enumera os votos do ‘Protetor dos animais’.

Aquela mulher com o pote na cabeça, dei continuidade e coloquei em suas mãos uma colher de pau e sob seu vestido um avental. Ela veio a ser minha preferida. Normalmente é a primeira que faço quando vou iniciar uma nova série. Logo veio o pescador, o violeiro, a carranca. Essa, foi inspirada no trabalho de Dona Ana das Carrancas, escultora mineira de Pirapora, Minas Gerais, que eu conhecera em Pernambuco. Da personagem mulher surgiram outras, quase sempre camponesas. A doceira com um tacho na cabeça, outra com a mão de pilão e por entre um lenhador e um cangaceiro, a mulher do ralo, o homem da cobra, a perna de pau do palhaço do circo rivalizava em detalhes com o Santo Antônio. Já havia desenvolvido outros, porém procurava manter aqueles dez, básicos, que já tornara até uma coleção de fácil comércio. Já se tornara uma prática fazê-los.

Depois de passar o dia expondo na mureta da igreja, me deslocava à noite para a praça central da secular cidade onde conheci o artesão argentino. Por entre planos e curiosidade a ideia foi germinando e até que fomos para ‘Sampa’ (cidade de São Paulo) de onde sairíamos para Buenos Aires direto.

Havia, em outros anos, passado por São Paulo muito rápido, só mesmo na rodoviária fazendo baldeação para outro ônibus quando fomos ao Rio de Janeiro protocolar o documento para meia passagem de ônibus aos estudantes de Uberlândia. Não a conhecia de caminhar e explorar. Nino, o argentino, já era estradeiro. Me levou até a Rua Augusta, onde na segunda loja de artesanato que entrei, vendi a produção feita, dinheiro esse que deu para pagar duas passagens de ônibus até aquele país.

Foram várias horas de viagem, chegamos em um dia de domingo à capital portenha. Nino tinha esposa e filhos. Eles moravam no interior do país, uma cidade do porte da cidade de Anápolis na década de 1980. Tandil, é o nome.

Quando o artesão me fez o convite para aquela temporada de verão, havia passado pouco tempo desde o conflito entre o país vizinho e a Inglaterra, por questão das Ilhas Malvinas²⁹. Passada a guerra, a sensação de paz que envolvia as pessoas, pude ver depois que era paliativo para situações difíceis que ainda iriam passar sob o comando de uma junta militar em cacos,

²⁹ Foi um conflito bélico entre Inglaterra e Argentina no começo dos anos 1980 pelo controle de um pequeno arquipélago no Atlântico Sul, as ilhas Malvinas. A Inglaterra ocupou e administrava as ilhas desde 1883, mas os argentinos, cujo litoral fica somente a 480 quilômetros das ilhas, nunca aceitaram esse domínio. Aproveitando essa briga histórica, o ditador argentino, Leopoldo Galtieri lançou uma invasão às ilhas em 1982. Disponível: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-guerra-das-malvinas/> acessado em: 07 jan. 2021.

depois de enfiar o país num conflito, no que pareceu ser uma conclamação nacionalista para encobrir as atrocidades que o regime militar³⁰ havia feito à sua população.

Por várias vezes presenciei ‘Las madres de la Plaza de Mayo’ em incursões a ‘La Casa Rosada’, o palácio do governo. Clamavam por saber o paradeiro de seus filhos e netos. A ditadura militar naquele país matou 30.000 pessoas. Vim pesquisar anos depois, para atividade na graduação.

Em Tandil, chegamos na madrugada depois de passar a noite de natal no trem de ferro. Na casa do artesão, fiquei hospedado aguardando o dia em que iríamos para o litoral. Os dias foram passando e com ele o pouco de dinheiro que sobrara da venda em São Paulo.

Já fazia minhas caminhadas pela cidade. Existe nela um morro onde há um horto e nele uma trilha que leva até uma enorme pedra que fica ao alto. Pela trilha, existem esculturas clássicas, em tamanho natural, feitas em granito, representando a Via Sacra. Quando se chega à pedra, há uma placa explicando sua história. No passado a enorme pedra equilibrava sobre duas outras bem menores, fazendo com que ela movimentasse para cima e para baixo. Com as pessoas colocando pedras e garrafas para observação do fenômeno, ao passar dos anos ela caiu e ficou só a história para sustentar o existido.

Lembrei da pedra goiana localizada na Serra Dourada na Cidade de Goiás quando foi dinamitada. Eu trabalhava no Jornal Cinco de Março e lembro de a matéria publicada no jornal trazer que ‘playboys’ de Goiás haviam feito aquilo.

Naquele horto fui aumentando a produção de lápis, pois sabia que eles eram moeda.

Eram tempos sombrios. Um dia o amigo disse que precisávamos ir para a praia. Acontece que não havia dinheiro. Disse que tal dia da semana iríamos a uma olaria para descarregar um caminhão de tijolos para conseguir dinheiro para chegar até a cidade litorânea. Como eu tinha uma produção de lápis, falei para ele que iria expor no centro da cidade. Me alertou que era proibido. Escolhi correr o risco que descarregar um caminhão. Saí bem cedo, e bem cedo vendi para um senhor todo vestido de gaúcho. Comprou boa parte da produção e uma pequena escultura que havia feito em Ouro Preto.

³⁰ A ditadura militar argentina (1976 – 1983) teve início, por meio de um golpe de Estado, em 24 de março de 1976, o qual depôs a então presidenta da República, María Estela Martínez Perón. Regime pautado na desindustrialização, no endividamento externo, na centralização do poder nas mãos dos militares, e no terrorismo de Estado, além do ditador Jorge Rafael Videla (1976 – 1981), estiveram a frente desse processo os generais, Roberto Eduardo Viola (1981 – 1981), Leopoldo Galtieri (1981 – 1982) e Reynaldo Bignone (1982 – 1983). Estima-se que mais de 30 mil pessoas tenham sido mortas durante o regime militar na Argentina. Disponível: http://www.usp.br/memoriaeresistencia/?page_id=239 acessado em: 09 jan. 2021.

Em Villa Gessel a temporada já estava acontecendo. Cheguei antes de Nino. Mesmo entendendo pouco o espanhol, quando na rodovia conseguimos parar uma carona, ele me disse que eu fosse primeiro com o filho mais velho de cinco anos, assim foi feito. A pessoa que nos deu carona tentava se comunicar durante viagem, mas foi bastante difícil. O diálogo maior que conseguimos manter, foi ele se referindo à morte da sambista Clara Nunes³¹.

Com raros entendimentos chegamos a um entroncamento de rodovias onde ele seguiria viagem e nos apontou para onde deveríamos seguir. Aquele lugar já estava bastante movimentado. Umas multidões de jovens estavam ali com suas enormes mochilas com barracas, prontos para a temporada. Era aquela classe média que a aventura de guerra dos militares ainda não havia corroído as economias de seus pais. O calor era escaldante. Havia uma guarita da polícia e vendo aquela criança naquele sol, chegou até nós, fez algumas perguntas que não entendi. Nos levou até a guarita, deu água para a criança, um pedaço de pão e em seguida, frente ao movimentado tráfego de veículos descendo para o litoral, parou um carro em que ia um senhor de idade e indicou que nos levasse até a cidade veraneio. Até hoje fico pensando por que aquele policial deixou seguir viagem uma de suas crianças e um estrangeiro que não sabia falar o idioma.

Fomos procurar o acampamento de que Nino havia falado. Com a barraca montada saímos ao encontro da feira de artesanato onde faria documentação para participar. Indicaram que teria que cadastrar na prefeitura e passar por uma comissão que julgaria se o produto seria aceito. Um artesão argentino que morava também no Rio de Janeiro, percebendo que me encontrava em uma situação difícil, se aproximou, falou em português comigo e adiantou os trâmites. Apresentando escultura em um lápis representando um gaúcho, consegui a oportunidade de expor na feira turística da cidade.

Foram meses de experiências e expectativas. A fraca temporada de turismo já evidenciava a acelerada desvalorização da moeda argentina. Findando o verão e Nino tendo voltado para Ouro Preto, desiludido com o desempenho financeiro da temporada, continuei mais alguns dias. Um vento frio e a cidade esvaziando, anunciava que era preciso seguir viagem. Volto a Tandil, onde havia deixado as esculturas maiores na casa de um parente do artesão. Pego um trem de ferro e vou para a capital.

Chegando em Buenos Aires, procuro encontrar um outro artesão que me convencera ir para a temporada de inverno em Bariloche. Por uns três dias esperei seu contato. Não

³¹ Em 1983 morreu Clara Nunes, aos 40 anos de idade, uma das maiores intérpretes de samba do Brasil. Disponível: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/534878-ha-35-anos-morreu-clara-nunes/> acessado em: 07 jan. 2021.

conseguindo, peguei o pouco dinheiro que fizera no litoral e aluguei um quarto num hotel no bairro de Constitución, próximo ao terminal ferroviário onde descera quando da chegada.

Fiquei morando por determinado tempo. Passo a explorar a cidade. Os metrô se estendiam para todas as regiões da megametrópole cobrindo um grande círculo do perímetro urbano. Fiquei sabendo que começaram a trafegar no ano de 1913 e que é o primeiro da América Latina. Por essas linhas do metrô, como que abrindo um guarda-chuvas e escolhendo uma direção de seus raios, assim que terminava uma razoável produção das esculturas em lápis, elegia uma rota no gigante mostruário de chegadas e saídas de trens da secular estação de Constitución e rumava em busca de galerias e lojas de *souvenir* intuindo vender.

Caminhava também bastante pela cidade. Conheci inúmeros lugares. Pessoas que ficaram amigas. Poucas grandes cidades conheci quanto a capital do tango. Trago na memória, nítidas as experiências por que passei. Os aspectos negativos entendo hoje de forma crítica, percebendo que por mais proveitosa e gratificante que fosse aquela aventura, a realidade social do país estava em descontrolada queda, aqueles anos delineavam os últimos suspiros da ditadura militar e o engano de tais políticas encaminhavam o país para um abismo.

O mundo já sabia e cobrava aquelas 30.000 vidas de jovens ceifadas pelo regime de Rafael Videla e outros generais. Paliativos como a Copa do Mundo de Futebol já não eram suficientes para iludirem a população. Nem uma guerra patriótica. O abalo monetário já batia à porta da classe média. A medida que os dias foram passando a dificuldade de sair do país ficava cada vez mais presente. Fui ficando. Dia outro negociava com o dono do hotel as diárias. Às vezes ficava devendo, outras pagava dias adiantados.

Ao lembrar daquele hotel resolvi tentar encontrá-lo na ferramenta *Google Maps*. Busquei a localização e encontrei. Passou por minha cabeça várias sensações distintas ao olhar aqueles lugares onde passei por várias vezes. Algo indescritível. Segundo Nora (1993), isso é memória, pois

[...] memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 9)

A facilidade de estar hoje como que presente nos lugares através da ferramenta digital difere em muito de quarenta anos atrás, quando falar com a mãe em Goiânia era, além de oneroso, demorado. Mas era o suficiente para dizer algo para tranquilizar a família.

Com os meses passando e comunicando razoavelmente bem o espanhol, consegui uma autonomia que a arte respaldava. Percorria explorando a cidade e vivendo sua realidade. Pegava também ônibus coletivos e indo até o ponto final retornava a pé conhecendo a cidade, apresentando meus trabalhos, sentindo o que descrevo hoje, estar substanciando de uma imensa carga de informações visuais, auditivas, sensoriais e sociais.

Para estar no país vizinho era necessário um documento de permanência. Quando atravessava o Rio Paraná, preenchia a papelada e recebia uma espécie de cartão, que deveria permanecer bem cuidado pois era apresentado quando exigido pelas autoridades. Logo na entrada em terras argentinas na tríplice fronteira, entendi que outra realidade viveria.

A polícia da alfândega levou meu amigo e a mim para um cômodo em separado e mandou que ele esvaziasse todas as suas grandes mochilas e outras bolsas que carregava. Seus cabelos, brincos e tatuagens o estereotipavam e discriminavam. Nada passava despercebido aos olhares daquelas autoridades que em frases rápidas que eu não entendia interrogavam seu conterrâneo. Talvez, por além da questão da entrada de substâncias e objetos ilegais, estivesse ali o rancor por ver um jovem fora dos padrões convencionais que não estivera na Guerra das Malvinas defendendo os valores da pátria assim como outros jovens.

Apenas uma suposição. Quanto a mim e minha bagagem não disseram uma palavra. Hoje recordo de meses depois, Nino embalando a bagagem em Villa Gessell e dizendo rancoroso que a terra dele era o Brasil e que Ouro Preto sua casa, entendo eu hoje, que coisas passaram e despercebido não as vi. A figura de Nino me lembrava a de um cigano. Nunca mais tive notícias suas.

O visto de permanência vencera e havia que renová-lo. Pretendia ficar mais tempo na capital argentina. Até mesmo porque não tinha dinheiro suficiente para comprar a passagem de volta ao Brasil. Não tinha como viajar de carona, pois havia as esculturas maiores. Para conseguir o visto era preciso cruzar alguma fronteira. A mais perto era a do Uruguai. Indo em linha reta de barco por volta de cinquenta e cinco quilômetros sob o Rio do Prata, chega a cidade de Colônia Del Sacramento.

Por curiosidade olhei o valor da passagem no dia de hoje e o tempo de viagem. Custa em torno de cento e cinquenta reais e o tempo parece não ter mudado, por volta de hora e meia.

O que eu precisava mesmo era um novo visto de entrada na Argentina. Para isso bastava passar o dia em Colônia e pegar o flutuante de volta às dezenove horas. Assim fiz. Às sete da manhã já estava acomodado no interior de um barco inflado que chamavam de “Aliscafo”.

Quando desembarcamos do outro lado, já havia uma grande fila de pessoas esperando para adentrar a embarcação que de pronto voltava. A cidade parecia bem pequena. Entendo agora lembrando os fatos, que eram uruguaiois que iam trabalhar no país vizinho e voltavam ao final da tarde. Pode ser esse o motivo que a cidade aparentava ter poucos habitantes. Aquele barco que os trazia, era o que eu voltaria.

Sabendo que iria passar o dia todo ali, resolvi percorrer a cidadela. Havia uma indicação de um museu, fui até lá meio que margeando o rio. Foi uma experiência bastante empolgante. Na infância e na adolescência frequentava quando podia o museu de taxidermia do Horto de Goiânia e o Museu Zoroastro Artiaga, na Praça Cívica, na mesma cidade. Visitando aquele no Uruguai, fiquei impressionado com os fósseis de Dinossauros. Alguns completos, como um tatu, do tamanho aproximado de um carro ‘fusca’. Anos depois, fiquei sabendo ao participar de uma reforma do Museu de Ciência Natural do Memorial do Cerrado na capital goiana, ser o delta do Rio do Prata um grande sítio arqueológico e que o Argentinossauro, o maior dinossauro conhecido, recebeu esse nome por ter sido encontrado naquela região.

Saí dali extasiado. Andando e perguntando ouvi dizer de uma arena de touros nos arredores da cidade. Era uma caminhada de uns cinco quilômetros. Quando aproximei pude ver uma enorme construção em tijolos à vista. Não havia portões. Era uma construção abandonada. Fui até seu centro pisando uma rala grama e olhei para cima contemplando o claro céu à sombra do enorme paredão de tijolos. Em seguida voltei a parte mais central da cidade e em conversa enquanto fazia um lanche num quiosque, um morador me contou que aquela arena havia sido construída no ano de 1905 por ordem do presidente da República do Uruguai.

Entretanto no mesmo ano, sua filha que era ativista protetora dos animais, fez com que ele proibisse de vez por todas as touradas naquele país. São muitos anos e a memória se esconde em algum lugar das lembranças insistindo em não revelar detalhes. Lembro, voltando para Buenos Aires, chegando em uma hora que a cidade já estava naquele pouco movimento depois de um dia agitado. Entretanto, a noite portenha ainda mantinha identificada por suas casas de tango que do porto até Constitución por muitas delas ainda iria cruzar antes de chegar ao hotel.

Estava novamente legalmente documentado. Expor nas ruas estava difícil, mesmo assim ficava entalhando os lápis nas praças. Consegui uma loja que comprava semanalmente minha produção e certa vez me encomendou que entalhasse uma pequena caixa de madeira. Somente simples flores. Gostando, pediu que lhe fizesse uma produção. Fui acomodando com aquele trabalho e ao mesmo tempo tendo a oportunidade de ir juntando dinheiro para a passagem.

Fui um dia procurar saber o preço da viagem até São Paulo. Em acelerada inflação, o peso argentino estava em queda contínua. Ao contrário do momento quando sai do Brasil. Soube que o valor era de um milhão e quinhentos mil pesos. Vendia cada esculturazinha a dez pesos, “un palo”, como a população simples se referia àquela nota. Precisava fazer umas cento e cinquenta peças.

Havia a despesa do dia-dia e uma espécie de depressão que o tempo cinza de fim de outono e princípio de inverno, foi causando em um corpo acostumado com o sol do cerrado. De certa forma isso fez com que me concentrasse numa produção ininterrupta pois entendia que precisava voltar. Aquela loja que comprava minha produção, já se encontrava refém da crise financeira que a ditadura militar causou ao país. As caminhadas alongaram. Era preciso encontrar novos clientes.

Um dia, com uma produção melhor, fui até a famosa região de San Telmo. Parte antiga da cidade, próxima ao porto e bastante conhecida por seus inúmeros atrativos culturais. Sua feira de artesanato é bastante disputada e conhecida por ser também um ponto turístico frequentado por estrangeiros. Ali eu não vendia. As regras diferem de feira para feira. Entretanto o bairro é repleto de ateliês, galerias e lojas. Foi o que procurei outro dia fora do movimento intenso da feira e arredores. Com a produção em mãos entrei numa grande loja de decoração. Pedi para apresentar meu trabalho, o qual foi de grato interesse por parte do casal proprietário. Me disseram que se eu fizesse por um menor preço, comprariam todos. Foi o incentivo para que eu ficasse no hotelzinho produzindo. O quarto agora era no terraço do velho prédio. Havia ali pequenos dormitórios que alugavam para aposentados. Hospedando ali havia meses, ofereceram-me um dos quartos para alugar.

O inverno intensificava. Montei um bocal e introduzi uma lâmpada de maior claridade. Além de poder trabalhar fechado no quarto o calor que era produzido amenizava e muito o frio cortante a que o ‘goiano do pé rachado’ não estava acostumado. O mais frio que passara fora no triângulo mineiro na adolescência. Por bem, a porta fechada de dia e os panos e papéis nos buracos a vedando, ocultava a utilização de uma nada econômica lâmpada.

Produzindo e ouvindo um radinho a pilha que a camareira me havia emprestado, conseguia sintonizar a Rádio Brasil Central de Goiânia, o que parecia acelerar ao que eu já entendia como uma encomenda e a volta para casa. Acho que já estava cansado.

Fui àquela loja em San Telmo e retirei da bolsa de lona que carregava a tiracolo um saco plástico transparente. Um punhado de lápis presos por ligas de atar dinheiro.

Recordo que me deram um cheque, fui comprar a passagem e desloquei até uma loja de câmbio para trocar por moeda brasileira o que restara da venda e do dinheiro que juntara de quando entalhei as caixas de madeira.

Foi uma sensação incrível despertar na madrugada, juntar aquelas esculturas e mochilas e ir para a rodoviária. Foram dias e noites dentro do ônibus. Dessa vez o percurso foi outro, indo sair na cidade brasileira de São Borja no Rio Grande do Sul.

Em São Paulo bem que tentei ficar. Estive na Feira da Praça da República, expondo os lápis. Não foi muito produtivo. O quarto que aluguei não me fornecia nenhuma liberdade e resolvi voltar para Goiânia. Acho que precisava.

Capítulo 3 - Trajetórias em contextos educativos formais e não-formais: como se forma o artista/artesão/educador

Como toda volta, muitas surpresas. Muito para contar. Inevitáveis idas a lugares e pessoas, me devolvia o ritmo de Goiânia. Buscava lugares e eventos ligados ao artesanato. Um amigo me chamou para trabalhar em uma chácara de uma *marchand* em São Paulo. Na verdade, um confortável chalé no meio da cobertura de mata que existia naqueles sítios de seletivas famílias em volta da Represa de Guarapiranga. Recordo que passávamos por uma aldeia de índios Guaranis depois de quilômetros do bairro de Parelheiros. Nesse sítio ficamos por um tempo e a compradora de arte não agradou de meus preços. Logo deixamos essa chácara.

Resolvemos que iríamos para Parati no estado do Rio de Janeiro. Um cliente nipônico amigo do artista que eu acompanhava comprou uma peça minha, dinheiro esse que consertamos numa oficina mecânica o carro Caravan da lanterna redonda, depois seguimos para Santos. Dali, seguiríamos para a colonial cidade, atravessando pela famosa Rio-Santos, uma estrada que vai margeando o Atlântico. Em determinados trechos a estrada era de terra e toda coberta com a Mata Atlântica. Às vezes se via ao longe o mar, outras, um fundo abismo próximo à estrada.

O amigo já conhecia bem a cidade e o seu circuito comercial. Lembro que no primeiro dia negocieei uma carranca muito bem-feita, a troco de duas hospedagens e café da manhã. Não achei nada justo, entretanto, solidariedade pensava ser o traçar. Muito rápido o amigo arranhou com um amigo um chalé a uns seis quilômetros da cidade. Um lugar pacato, Pedra Branca o nome. Ali é o entroncamento que leva à cidade paulista de Cunha. No período do Brasil Imperial essa cidade fornecia os utensílios de barro que no litoral não eram fabricados por não haver essa matéria prima.

Minha estada lá foi pouca. Um desentendimento fez com que mesmo a pé levasse todas minhas peças até a cidade de Parati. Havia em um recinto uma pessoa que havia gostado bastante de uma escultura de cedro com a qual andava pela cidade. Fui até ele e ofereci por um preço menor e fui para São Paulo no outro dia de manhã, de onde comprei uma passagem para Cuiabá no Mato Grosso. Acreditava que poderia ali conquistar parte daquele filão econômico em que o estado se transformara.

Foi o tempo que mais trabalhei na rua procurando me manter. As esculturas em lápis carregavam mais um aspecto de curiosidade que o elemento cultural que ele possui. Alguns raramente eram vendidos. Por sorte encontrei um artesão que era especializado em fazer placas com nome de pessoas e expunha na praça. Conhecia o pai dele. Um artesão de primeira linha.

Fé Córdola era seu nome. Isso fez com que nos aproximássemos e aprendesse aquela forma de ganhar dinheiro rápido na estrada. Ensinou-me que era preciso ir seguindo as Feiras de Pecuária. Me introduziu em uma que estava acontecendo em Cuiabá e daí peguei o ritmo. Daí uma placa de sítio, de salão de beleza e quando bom, uma de fazenda. Se com a cabeça de boi ou porco, melhor ainda.

Nessa perambulação entre rua e festas bovinas, fui ficando cada vez mais longe do mundo da arte. Não vendia trabalhos elaborados como os que costuma fazer. A rua é lugar de ganhar a paga do alimento, do teto em uma pensão qualquer, a cada dia. Nela, o artesão tem que ser um verdadeiro operário. Não dispensar trabalho.

Naquele tempo aconteceu o Primeiro Festival de Inverno da Chapada Guimarães³². Tetê Espindola foi a artista que encerrou o evento. Cheguei à cidade numa tarde com um clima fresco. Com o passar das horas, a temperatura foi baixando cada vez mais. Eram umas nove horas da noite e o frio era congelante.

Provavelmente eram só o vento que oscilante bailava, hora lento hora acelerado. Na verdade, não tinha nem ideia sobre para onde ir. Por sorte uma pessoa que era responsável pelas dependências da igreja matriz ofereceu uma dispensa de materiais diversos, onde eu poderia ficar dormindo. Me confiou a chave e ali era o lugar de passar a noite depois de um dia e parte da noite naquela congelante praça. Quando chegava à igreja fui separando para os lados aquele amontoado de distintos materiais litúrgicos e praticamente desacordava.

Tinha me tornado especialista em entalhar nas plaquinhas de madeira com nomes ou palavras escritas. Cobrava como se fosse o dinheiro de hoje, poderia se dizer que eram dois reais a letra.

Bem cedo estava na praça. Algumas das barracas do festejo já estavam abertas. Tomava o café e "toc...toc...toc", iniciava escrever nomes. À esmo. Os mais 'batidos', toda década tem, são tirados das novelas. Quando não, era algo pronto para alguém que tem pressa e precisava levar uma lembrança com aquele nome. Um dinheiro a mais.

Por outro lado, o "toc...toc" atraía as pessoas e aquilo aumentava o fluxo de clientes. Aprendi ser muito rápido para fazer uma placa. Gastava em torno de quinze minutos para entalhar uma. Era moda, todos queriam para colocar na porta do quarto do filho. As encomendas eram seguidas. Como o tempo fechado atrapalhava secar o extrato de nogueira que passava sobre as letras, eu acendia uma fogueira para ir secando as que ia fazendo enquanto isso ensaiava esculpir um lápis ou outro.

³² O 1º Festival de Inverno da Chapada dos Guimarães aconteceu no ano de 1985.

Certo dia, veio até a mim uma senhora com sotaque espanhol. Depois de algum tempo de conversa observou que conhecia meus lápis. Perguntando de onde, disse-me ela que já havia visto em um consultório de um amigo em Buenos Aires. Fiquei admirado com as coincidências. Esse amigo era uma pessoa que quando viajei de Buenos Aires para São Paulo, contribuiu para que pudesse comprar passagem para Goiânia. Ter deixado com ele uma das ‘esculturinhas’, proporcionou essa lembrança anos depois. Entalhei mais cinco personagens e mandei para ele.

As experiências que tive naquele estado foram bastante difíceis. Mesmo assim, dos lugares em que andei guardo na memória sensações que afirmam que a experiência valeu como outra qualquer. O Pantanal entrando pela cidade de Poconé foi uma experiência à parte. O Rio Cuiabá em Barão de Melgaço, outra beleza peculiar: na enchente formava uma bacia maior que a Baía da Guanabara. Dia muito triste, com a praia lotada de gente o rio levou um garoto de uns quatorze (14) anos. Umas das cenas mais tristes que presenciei.

Escrevendo esse episódio, recordo Adrien Taunay³³, pintor francês que faleceu no mesmo estado tentando atravessar a nado o rio Guaporé. Andei por outras regiões do estado de Mato Grosso adentro até as condições físicas não suportarem mais. Voltei para Goiânia em entremeio para continuar na rua e eventuais acontecimentos que me direcionavam a um trabalho e outro.

A estrada me fizera também profissional em outras técnicas. Disputar acessos a patamares no panteão da arte nunca foi comigo. O que me atraía era o que vinha e estava inteligível enquanto proposta. Acredito que nunca mudei. Ser irredutível me afastou de várias oportunidades de que não me arrependo de ter pegado carona.

As políticas públicas geraram um descontrole tal que o Estado não iria mais gerir oficialmente as feiras nacionais. Aquele caminhão anteriormente referido da verba que as discussões das associações tinham angariado da Alemanha, e que sob a guarda do estado deveria ser reservado para o artesanato no novo governo, era também utilizado e sucateado por outras secretarias. Por várias viagens a eventos nacionais os artesãos de uma associação bancaram tanto o conserto desse caminhão quanto as diárias do motorista do estado.

Era o Estado se esquivando das obrigações para com a cultura. Muitas vezes os artesãos voltavam de feiras em outras regiões do Brasil dentro do baú desse caminhão. A porta meio que cerrada, circulava o ar para os artesãos que estavam lá dentro. Aproveitando que o artesanato havia vendido bem, economizavam a passagem da volta viajando daquela forma. Os artesãos

³³ Aimé-Adrien Taunay foi desenhista da expedição russa comandada por G. H. Langsdorff entre 1825 – 1828 percorreu o interior do Brasil.

que eram o cabeça da ação, viajavam na boleia com o motorista. Eram aqueles que sabiam das feiras que teriam bons lucros. Seus artesanatos feitos em série vendiam espetacularmente. Para ir a essas feiras era preciso fazer parte daquela turma. A grande maioria largou o artesanato. As contradições os desencaminharam.

As políticas audazes de quantidade, qualidade e preço incentivadas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), talvez inspirados em soluções do período militar, fazem uma clara seleção que vai estrangulando quem não consegue acompanhar. Aquele que está no quintal produzindo na informalidade para o artesão grande se liberta e passa a ser seu concorrente.

Não há como alongar em relatos de meio século de uma profissão. Provavelmente alguns assuntos precisem ser observados como fato histórico e diagnosticados seus efeitos.

Por vezes essa vida de artesão que entende o artesanato como uma representação cultural, identitária, pertencente a um trabalho para além do estético, se torna enfadonha frente ao ostracismo que por si só caminha as políticas voltadas para o setor. Penso que as instâncias que foram criadas para gerir o artesanato, como tudo construído de cima para baixo tende a descompassar com a realidade que é dialética.

Para melhor compreender esse fenômeno, volto a estudar.

No ano de 2014, recorde, era uma tarde de muito calor e eu estava ao computador opinando sobre os acontecimentos que adubavam o terreno da batalha pela derrubada do crescimento do país. Ao que entendia, não obstante as políticas de acomodações que favoreciam mais ao setor rentista que ao trabalhador, a sociedade em um todo vislumbrava dias auspiciosos pela frente, posto que a real condição de vida havia melhorado, o que era visível e palpável. A conformação geopolítica delineava novos contornos de acordo com os resultados dos movimentos produzidos pelos blocos hegemônicos. O liberalismo em seu ‘neo’ formato havia produzido em 2008 uma crise econômica que até a data de hoje o mundo não conseguiu sair. À época, o Brasil tomou a posição de enfrentamento da crise apostando no consumo interno de seus duzentos milhões de habitantes. Fez um pacto fiscal com o setor de produção e serviços o que foi traduzido em crescimento social e individual. O país continuava em crescimento com crédito e respeito junto a organismos internacionais e outras nações. Motivo óbvio que olhos voltassem para aquele modelo econômico. Os países socorriam com o dinheiro produzido pelo trabalho da população, os agonizantes bancos privados engasgados com seus lucros agora cobrados pela grande roleta do mercado financeiro internacional. A globalização resultou-se num fracasso. A insanidade do capital em detrimento da saúde do planeta foi criando cada vez

mais crises mundo afora. A ‘Primavera Árabe’ resultou na destruição e insegurança na região do Oriente Médio fazendo com que uma nova ‘Guerra Fria’ fosse ali instalada com a presença de nações com potencial atômico tomando partido. O propósito de países imperialistas transita por espaços e tempos que entendem como sendo de sua propriedade e que só depende da ocasião para que a experiência entre em execução e os resultados moldados de acordo com a conveniência se exponha.

Por existir o antagonismo as estratégias de dominação se tornam mais difíceis e onerosas e novos rumos são necessários tomar para que o sistema tome fôlego e se reorganize. O propósito de sempre é apropriar das riquezas do outro, assim como revela a história da humanidade.

Nesses novos rumos, havia na mira do imperialista uma ‘carta na manga’ caso fosse necessário fazer um recuo. A carta na manga era e é a América Latina que sempre foi considerada um quintal de sua imensa propriedade imperial nominada no capital financeiro e belicoso.

O Brasil pareceu aos olhos do mundo um modelo a ser seguido. Os países mais frágeis puderam enxergar nele uma esperança. Os mais civilizados, admiração e nos imperialistas o ódio. E o ódio foi a receita usada para desestabilizar. Começar a desmontar o país e políticas sociais alcançadas. O ódio contra o outro foi impregnado no comportamento das pessoas. O ódio a diferença. Um ódio que resultou na realidade que vive o país e hoje é refletido em equívocas decisões tomadas frente a pandemia do Corona. O ódio por uma ‘pedalada’ que era uma operação paliativa para que o auxílio aos mais frágeis não fugisse ao controle das obrigações sociais, transformou o país em um país de ódio. Ódio de suas florestas, seu povo autóctone, de quem acredita que a terra é redonda de quem é de religião de matriz africana.

Talvez um ódio comparável ao que os levou a fazer o país trazer imigrantes para trabalhar nas lavouras, frente a negativa em pagar um salário digno ao recém liberto homem negro escravizado.

Um ódio devidamente financiado por aqueles que foram socorridos pelas reservas do Estado.

Foi nesse cenário que foi transformando em fato, vivi uma graduação em meio a essa incógnita que encaminha esse imenso país.

Naquela tarde quente de 2014, uma colega artesã me enviou um folder trazendo a informação da abertura de um curso médio na modalidade EJA com duração de quatro anos, voltado ao artesanato, oferecido pelo Instituto Federal de Goiás que abria um campus na cidade

de Goiás. Confesso que de imediato me interessei. Sempre cobraram aquele certificado que as disciplinas de matemática e ciências físicas e biológicas, ficara eu devendo nas provas de supletivo que por dois anos busquei entre as cidades de Minas e Goiás procurando as eliminar. Uma época que o francês era opcional.

Conversei com a família que de pronto me apoiou. Os dias da inscrição foram chegando e uma certa aflição tomou conta. Há muitos anos não saía de casa. Aqueles períodos de longas saídas ficaram para trás.

Agora já havia constituído família e de uma certa forma aquele cotidiano de operário da arte ia fazendo mover o tempo. Despretensiosos e lento. O computador era agora o lugar de extravasar as ideias. Até mesmo aquelas entre pelejas e pelegos que haviam tomado parte na categoria profissional que eu exercia.

No dia marcado para a inscrição fui até ao Quartel do XX, uma construção do período colonial onde iria provisoriamente funcionar o Instituto e seus cursos de ensino médio e superior de Licenciatura em Artes Visuais e Cinema.

Naquele dia ouvi uma palestra onde estavam presentes algumas pessoas que no futuro seriam minhas professoras. Havia também outras, servidoras e também os futuros colegas. Com a inscrição pronta voltei para Goiânia e fiquei esperando a data para fazer a prova de seleção.

Maria do Cerrado, uma artesã amiga, levou-me a Goiás nesse dia. Estava também minha mãe e minha esposa. Fiz a prova e passamos o dia na cidade já olhando a possibilidade de arranjar um lugar para morar.

Selecionado, fui em definitivo estudar.

Iniciamos com uma turma bastante heterogênea. Tanto na idade, gênero e biótipo. Com o passar dos meses já podia ir observando a evasão escolar. Atento à realidade, compreendia que aquela situação já era consequência da política de ódio orquestrada pelos perdedores da eleição que viam em seu candidato um representante fiel aos seus interesses junto ao do capital internacional. Perdendo, propôs a ingovernabilidade o que foi seguido à risca pelo presidente da Câmara Federal, hoje preso, inviabilizando junto a seus pares a governança da candidata eleita e seu consequente afastamento.

Nesse ínterim, na sala da EJA, aplicado a compreender, procurava estar participativo e até por vezes replicado diante a agudez que a polaridade da política do ódio constituiu.

Estar longe da família foi também bastante difícil. Meu ‘histórico atlético’ não contribuía muito com o psicológico que por vezes balançava nesses momentos turbulentos que a situação desse tipo de política de abafamento produz. O divisionismo em acentuado curso se

processava. O povo alienado por uma visualidade programada, autômatos, segue comandos que o guia a lugares que um dia a memória há de lembrar a semente, se honesto for, o mal que causou à terra. Às futuras frutas.

A idade era de sessenta anos. Sentia na 'mestrança' da vida uma certa liberdade em dar determinados palpites que me pareciam lógicos dentro da visão do senso comum. As defendia e sei que continuo as defendendo só que com mais cautela.

Arriscar demonstrar isso fez com que logo no primeiro ano tirasse o primeiro lugar em um concurso de redação proposto pelo campus. Algo animador. Outros momentos em também poder contribuir com meus conhecimentos e habilidades a profissão tanto no expor como no demonstrar. Foi um ano que meu projeto de xilogravura foi aprovado pelo Festival de Artes de Goiás, quando participaram de minhas oficinas estudantes de vários campi e da comunidade durante os três dias que ofertei as oficinas. Nesse ano também aprovei junto com outro artesão uma oficina no FICA na Comunidade, uma atividade de artistas da cidade dentro de uma proposta pautada pelo Festival de Cinema Ambiental (FICA).

Nos jogos estudantis conquistei para a EJA o primeiro lugar na modalidade jogo de xadrez. Outra vantagem da idade.

Fiz o primeiro ENEM. O tema era violência contra a mulher. Animado com a redação e longe de concluir o curso de quatro anos, pensei estar abordando bem o tema da violência de quando faço uma analogia entre uma mulher de um alcoólatra e a do deputado que encaminhava o rito do *impeachment*³⁴ contra a presidenta eleita. Em uma cena fictícia proponho a imagem de uma mãe de família encurralada pelo marido ao descobrir sem o dinheiro de pagar o botequero que ela havia gasto na compra de um botijão de gás e a ostentação em café na capital francesa, em cena real, a mulher desse deputado envolvido em desvio de dinheiro público expondo produtos de grife. Essa dupla violência contra a mulher, pretendia eu demonstrar existir a partir do momento que as condições de uma vida digna não são oferecidas minimamente para o ser humano. O aspecto psicológico que a falta de recursos pode alterar, causando situações instáveis e de violência. Não alcancei nem trezentos pontos. Meio que chateado, conversando com um professor, ele alerta pelo fato do momento político estar muito polarizado e que nas conferências das redações se o primeiro olhar for contrário a posição demonstrada pelo escrevente já seria descartada de imediato. Guardei como lição.

³⁴ Em 31/08/2016, o julgamento do *impeachment* no Senado terminou com o veredicto de condenação de Dilma Rousseff acusada de crime de responsabilidade pelas "pedaladas fiscais" no Plano Safra e de ter editado decretos de crédito suplementar sem autorização do Congresso Nacional. Foram 61 a favor e 20 contrários ao *impeachment*, sem abstenções. O *impeachment* foi considerado golpe de estado pela ala esquerda do Planalto. Disponível em < G1 – Política - Impeachment de Dilma (globo.com)> Acesso em 28/01/2021.

O outro ano transcorreu em meio à realidade política tomando contornos sombrios. A destituição da presidenta eleita caminhava a passos largos. O país movia derrapando na lama política alimentada deliberadamente pela mídia. Hoje se sabe que havia mão externa que manipulavam os marionetes oficiais, os financistas e a elite retrógrada que sempre teve seus olhos de desejos voltados para o estrangeiro. Há um século, a Cidade Luz. Hoje, Miami é que seduz. O chão mesmo, a terra, essa serve apenas para ser palco de injustiças por ela promovida durante trezentos e cinquenta anos de escravidão da população negra na construção desse país. Para cair tombado o camponês na luta por um pedaço para plantar seu alimento. O embate com os moradores originários da terra. O rasgo no seio dela. O veneno para tapar o corte. A água que represa e tolhe, a sede que provoca e mata. Vestidos de verde-amarelo, essa elite entreguista desfilava junto ao povo, seus corpos sarados, junto a corpos conduzidos roboticamente pelos noticiários dos meios de comunicação. Levados tal zumbis, parte da sociedade caminhava a passos largos para um caminho que conduziria o país para um retrocesso incalculável.

Um ano muito difícil também para mim e minha família. Aquele meu irmão da infância que com as mãos dadas a nosso pai e eu, quando nos era apresentado o mundo, naquela época do gigante forno de tijolos. Ele adoeceu e ano depois faleceu. Foi bastante impactante para mim. Nunca deixou de ser.

Inscrevi-me novamente no ENEM. Dessa vez mais preparado pois já era o segundo ano do curso e muitas lembranças da época do supletivo vieram à tona e fui somando às que foram apreendidas nesses dois anos. Fui dessa vez mais cauteloso na redação. A nota conseguida era o suficiente para ascender ao curso superior, disse minha filha ao telefone ao sair o resultado.

Não posso dizer que uma dose de orgulho não tenha estacionado por tempos por minhas emoções e atos. Meu pai sempre quis que eu estudasse na Escola Técnica Federal, agora estava cursando uma graduação naquela instituição que transformara em um Instituto Superior de Educação e espalhava campus por todo o estado. O de nossa instituição estava quase pronto.

Nossa turma, a de 2017, permaneceu ainda um período no Quartel do XX, assim como os demais cursos. O de cinema já ocupava algumas salas que estavam prontas em meio ao acabamento da obra. O afastamento da presidenta eleita e consequente ascensão do vice, deu-se início a um desmonte das conquistas populares alcançadas. Representante da elite dominante e rentista, ao assumir a cadeira de chefe da nação o vice-presidente põe em pauta o desmonte. Ataca os direitos trabalhistas, a segurança, a saúde, a educação, algo que ficou conhecido como

PEC da Morte³⁵, um verdadeiro ataque orquestrado contra as possibilidades das novas gerações de trabalhadores. O reflexo desse pacto com o desmonte da soberania do país já se notava em diversas atividades. O dinheiro já não circulava mais tão facilmente, podia se notar no aumento de trabalhos informais e também na evasão escolar.

Os cortes na educação fizeram com que algumas pessoas deixassem de frequentar a escola. Cortes feitos no auxílio das famílias de baixa renda também contribuíram, posto que tiveram que procurar outra ocupação para complementar a renda. Testemunhei colega da EJA que terminou o ensino médio, com grande sacrifício, mantendo-se em múltiplas atividades.

Olhando agora para trás, vejo quão rápido passou a graduação. Quantas coisas se passaram e parece que não vi ou não me lembro. Das atividades debaixo da tenda no Quartel do XX no centro histórico da colonial cidade aos primeiros passos pelo novo prédio do Instituto no Setor Bauman até quando a pandemia cerrou as atividades do campus, quase o que consigo lembrar é atividade e compromisso. Claro que mesclado a isso, situações diversas tocaram profundamente meu interior como ser humano construído dentro de uma visualidade imposta por outro momento político adverso quanto ao atual. Guardadas as distâncias sociológicas dos acontecimentos, o golpe de 1964 usou do mesmo discurso patriótico para consumir um saque à economia nacional. Nesse tempo de pandemia do COVID-19, somado ao despreparo do governo atual em não possuir um plano de ação, deixando claro que o mercado o elegeu para confrontar a Constituição e a soberania do Estado. Dando continuidade à política de PEC da Morte impetrada pelo golpe jurídico midiático, a população vai atravessando tempos de lamúria.

Vivi praticamente a vida toda em cidade grande. Viver em uma pequena com suas peculiaridades e singularidades do período barroco, seus ritos, história e costumes remetem a lonjuras no tempo conservada na arquitetura, na oralidade e saberes ancestrais dos povos que aqui viveram e ficaram guardados na memória de seus descendentes. Primeiro o autóctone, depois os africanos e afrodescendentes, considerando que naqueles séculos a superioridade numérica de seres humanos oriundos do continente africano em relação ao do europeu. Claro que também dessa mescla de diferentes seres, geraram outros para diferentes trabalhos. A mescla dessas culturas criou o povo brasileiro. E ela não tem como ser apagada da memória das gerações. Vive nos seus traços e trejeitos, em suas manifestações culturais.

³⁵ A PEC 241/2016 foi uma proposta de emenda constitucional que previa um **Novo Regime Fiscal no Brasil**. O objetivo da proposta era diminuir os gastos do governo e equilibrar o orçamento da União em até 20 anos. A proposta ficou conhecida como **PEC do teto dos gastos** e foi aprovada em dezembro de 2016. Quem se posicionou **contra a proposta** entende que a diminuição dos gastos com saúde e educação atingiria a população mais pobre do país. Disponível em < [< O que é PEC 241? - Toda Política \(todapolitica.com\)>](http://O%20que%20%C3%A9%20PEC%20241%3F%20-%20Toda%20Pol%C3%ADtica%20(todapolitica.com)) Acesso em: 28/01/2021.

Poder observar no micro o que se passa no macro, elucida de forma mais inteligível dado a quantidade não alterar na qualidade do resultado. O fenômeno social em que vive uma localidade pequena não difere de uma metrópole, guardadas as proporções. A cidade de Goiás é embrião cultural do estado. Observando pelo prisma de ter sido ela a sede de governo, por suposto foram tomadas decisões que influenciaram todo o território em seu contexto geral. Nesse entendimento, a escola, a leitura dos livros lidos na adolescência de quando trabalhador em oficinas nas editoras, somadas à experiência de mundo e a observação nesses seis anos morando na cidade, pude compreender melhor por onde caminham esses fenômenos.

Quando da primeira vinda para Goiás para estudar, entendi precisar ser cauteloso quanto a questão de minha profissão no que tange ao envolvimento político cultural. Decidi priorizar os estudos. Questões intrigantes a educação já trazia.

Mas é indissolúvel a condição de estudante, artesão, artista e indivíduo na sociedade. Mesmo que de forma bastante tímida, pude participar de alguns eventos culturais em eventos na cidade. Participei das feiras que nasceram e findaram durante esse período. A última foi devido a pandemia, pois já estava tomando a forma de uma feira. Com a minha experiência nelas por vários lugares, fazia sentir que aquela que estava sendo desenvolvida no pátio da igreja do Rosário caminhava para um formato de agradável convivência.

Ali também pude perceber a escassez de dinheiro na praça. A escassez de trabalho pareceu também ser interpretada na busca alternativa por renda. Assuntos paralelos que chegam até aos ouvidos, dá conta de que a percepção se estende e que de fato a situação real do país é de aperto e penúria. A pandemia veio e confirmou a inapetência de comando que o sustentáculo do golpe forjou. A breve e permanente investida do capital contra a ética, deu vida e voz a uma leva de ignorantes alienados na religião e na política de visualidade que a mídia introduz. Até mesmo foi aventada a possibilidade de o planeta ser uma superfície plana. Essa voz tornou eco, conjecturando quanto à realidade ou não da pandemia. Com o país passando de duzentas mil famílias enlutadas, a política de seletividade humana segue seu rumo numa normatividade de quando matava um homem negro escravizado porque se entendia seu dono. Assim o estado está se sentindo em relação ao povo. A justiça permitiu o ENEM em meio à pandemia. A justiça está permitindo o transcorrer normatizado da realidade do Brasil em época de COVID-19. ‘Com supremo e tudo!’, foram as palavras golpistas do senador da república quando de sua conversa explicando como que seria o golpe contra a presidenta eleita e as instituições que o garantiriam. O resultado está aí. Das citadas, seus representantes têm demonstrado suas

incapacidades no antes e no agora da pandemia. A Operação Lava Jato³⁶ em conluio com essas instituições, que a deixou deslanchar, ‘quebrou as pernas’ do país. A consequência disso tem sido mais seletividade e ameaças. Antes a ameaça era a ideia, agora é o corpo a ameaça. Todo corpo não normativo é uma ameaça. É preciso punir. De alguma forma. Esse corpo tem que ser disciplinado. Parece ser a tônica desses últimos anos. Introduzido isso em parte da população, os recursos das redes sociais se incumbem de espalhar o vírus da repulsa.

Alicerçado em mentiras o golpe contra a educação foi também contra os idosos, as mulheres, o trabalhador, o futuro da juventude e a soberania do país.

Nada mais rápido e presente que a resposta dada pela realidade naqueles que se achavam os ‘ajeitadores’ das coisas. Nada parecido com a crise de 2008 quando o país abriu a ‘Linha Branca’, dando oportunidade de o povo consumir o básico para um conforto trivial, diferentemente da crise de agora que parece entender que a morte da população é uma saída estratégica para a crise de mercado. Muitos idosos que se foram, eram a única fonte abastecedora das necessidades de netos e bisnetos. Uso mesmo esse termo ‘estratégia’ para referir e refletir a palavra em sua acepção. Não há como separar fatos, atos, cacos que essa pandemia vem alastrando. O reflexo na sociedade. O aspecto psicológico dando mostra que as pessoas estão atravessando dificuldades com a saúde mental, fato por certo causado por acirramento no corte de melhorias de vida e consequente endividamento dos mais frágeis.

Pode-se e pude sentir isso nesse espaço de tempo, enquanto estudante, artesão e família. Por falar nela, nem todas puderam ajudar seus jovens que vieram estudar e eles tiveram que voltar para suas cidades. Se morador local, a decisão era largar a escola.

Parece querer escapar as coisas importantes que a graduação proporcionou nesses anos, ofuscadas pelo retrocesso geral que atravessa o país e as consequentes crises que serão criadas para conduzir à crise maior. Na minha idade as leituras das situações parecem trazer resultados conhecidos como que revivendo algo já conhecido. E os golpes impetrados ao Brasil parecem cíclicos e com o propósito em majorar fortunas particulares. Em todos os golpes acontecidos os atores são os mesmos. O discurso com uso da visualidade oferecido pelos meios de

³⁶ Em março de 2014, a Polícia Federal deflagrou a operação que viria a ser conhecida como Lava Jato, unificando quatro investigações que apuravam a prática de crimes financeiros e desvio de recursos públicos. O nome Lava Jato faz referência a uma rede de lavanderias e um posto de combustíveis de Brasília que era utilizado por uma das organizações criminosas investigadas inicialmente para movimentar dinheiro ilícito. Inicialmente, foi identificada a atuação dos principais personagens do mercado clandestino de câmbio no Brasil no esquema criminoso investigado. Esses doleiros eram responsáveis pela movimentação financeira e lavagem de dinheiro de inúmeras pessoas físicas e jurídicas, o que acabava por envolver uma grande diversidade de outros crimes, como tráfico internacional de drogas, corrupção de agentes públicos, sonegação fiscal, evasão de divisas, extração, contrabando de pedras preciosas, desvios de recursos públicos, dentre outros. Disponível em < [Operação Lava Jato — Polícia Federal \(pf.gov.br\)](https://www.pf.gov.br/operacao-lava-jato) > Acesso em: 28/01/2021.

comunicação, produz a substância necessária para tapar a visão desse povo não muito dado à leitura. Ser movido pela informação parece mais cômodo. E é justamente esse o propósito do modelo político seletivo.

E a condição financeira vai selecionando o estudante. A escola não é para todos. Dos mais de trinta que iniciaram a EJA, aquele mais jovem aluno que logo evadiu pois precisava trabalhar, já alguns anos lida na correria do caminhão na coleta do lixo urbano. O amapaense que veio fazer Cinema, teve que voltar pois a situação econômica já demonstrava disputas por empregos, o que leva a cidade empregar os da cidade. Ele precisava de um para ajudar se manter. O crescimento disparado de *motoboys* como profissão acenava para a informalidade como saída para a sobrevivência. Acentuaram também os catadores de latinhas, os coletores de frutas. Os dotes manuais e culinários brotaram na expectativa de ‘tostão’ a mais no bolso. Deram-se mostras que aquele país que me oportunizara a volta à escola, já escolhera outros caminhos em detrimento a educação.

Atravessado por incógnitas o percurso da graduação transcorria entre a satisfação de conhecer pessoas tão nobres e gentis que passaram pela docência e a insatisfação de ver os colegas irem se afastando.

O Festival de Artes de Goiás, em sua versão acontecendo no campus do Instituto Federal da cidade de Itumbiara, foi para mim uma das melhores lembranças. Na ocasião pude sentir o quanto é importante a educação. As apresentações, exposições, *performances*, palcos e improvisos contemplaram os presentes com a demonstração de uma juventude ciente de seu papel enquanto protagonista.

O Encontro de Cultura Negra de Uruaçu foi outro que me trouxe lembranças, devido eu ter desenvolvido inúmeros trabalhos para o museu do Memorial Serra da Mesa, um complexo educativo existente naquele município. Depois da inauguração, por anos continuei indo a sua tradicional Semana de Folclore. Um espaço cultural que várias cidades vizinhas levam seus alunos para conhecer. Testemunhei até mesmo faculdades.

Uma oportunidade ímpar de comer peixe assado na fogueira acesa em uma réplica de tribo Kraô lá existente, na companhia de cinco ou mais povos indígenas que participam dos encontros realizados. Há um desses encontros voltados especificamente para os indígenas nesse espaço de educação.

Estar novamente na cidade e presenciar a força e expressão que foi aquele encontro, reforçou mais o meu respeito por aquela sua vocação cultural. Possui também ela um pequeno museu em seu centro urbano.

Por duas vezes estive com o nosso campus em visitas técnicas na cidade de Goiânia. Uma em visita ao ateliê de gravura da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde tivemos uma aula de gravura em metal. Momentos de interessante interação entre turmas de níveis diferentes e discentes de outro campus. Na outra foi no evento Agro Centro Oeste onde fui como expositor.

De todos os acontecimentos que me ficaram guardados na memória, foi a qualificação do curso o que mais me significou. Pude sentir uma enorme e breve vibração onde todo o campus se mobilizava numa que sintonia de quando da visita da comissão de avaliadores do Ministério da Educação. O reconhecimento do curso de Licenciatura em Artes Visuais com uma considerável nota foi algo grandioso a se comemorar.

Intercalados entre momentos oscilantes, a graduação foi transcorrendo. Em 2015 a perspectiva era uma. Iniciados os dias do ano 2021, várias vertentes opcionais dessa perspectiva também se diluíram. A pandemia veio e demonstrou que o capital não vive sem as escoras do estado. Ao menos é o que parece quando o estado é levado a salvar instituições financeiras em tempo de crise enquanto o povo padece com os cortes de verbas voltadas a sua assistência.

A pandemia revelou o caráter da população brasileira. Desde a solidariedade à desumanidade. Do populismo ao desgoverno. Do desprezo ao afeto. Da covardia à coragem. Do desgoverno à condução por parte da comunidade como acontece nas organizações das favelas. De toda forma se observa a luta pela vida e o desprezo pela vida do outro.

Em uma das aulas a professora de arte explicou que uma exposição para ser bem montada precisa ser igual a uma monografia (TCC), há que existir algo que faça pensar sobre, para aquele que escreve e para quem o lê. Outra professora também abordou o assunto. Procurando caminhar com passos seguros no que propus na escrita do meu, seguindo orientação que me levou a narrar períodos de minha jornada como artesão e estudante, embreei por diversos assuntos que pudesse servir como objeto de pesquisa às incógnitas que me perseguem como ser social que acredita em uma humanidade que venha fazer jus a magnitude e grandeza que oferece o planeta.

Está intrínseco aí uma política social que vá de encontro a vida. E o significado de vida que é tratado, pode-se dizer que perpassa o aspecto biológico e subjetivo.

Considerações Finais

Quis trazer para estes escritos, vivências e experiências através das quais busquei entender o porquê de tantas contradições no campo da cultura. Poderia ter vivido e construído uma carreira voltada apenas para as inúmeras técnicas que desenvolvi nas artes visuais enquanto autodidata. Entretanto, sempre acreditei que o coletivo possui um caráter que agrega valores, substancia a categoria e a classe social em que vivem esses seres humanos e compõem a sociedade. Ao contrário disso, o sistema liberal engendrou um sujeito individualista. A concorrência e a disputa como sendo o acelerador da produção. Mesmo que injusta como demonstra toda a história do trabalho, principalmente quando o liberalismo revela em seu sistema as práticas desumanas que sempre usou para sustentar sua ideologia.

Agora mesmo estou aqui batendo nessas teclas e vivenciando uma família vizinha em luto por um ente querido que acaba de falecer. A disputa ideológica tem as suas digitais nessa morte e as de centenas de milhares de brasileiros. Esses acontecimentos me fazem perguntar o que me trouxe a voltar a estudar. Compreender na teoria o que na prática está acontecendo parece que por um lado fortalece por oportunizar pesquisar respostas. Por outro, um desalento enorme em sabe-las.

Esses campos de disputas estão expressos na educação, na arte, no trabalho. Fazer a graduação para ser professor e trabalhar na arte, poderá ser uma resposta a esse desalento. Acredito que os anos de experiências na vida e no trabalho e por último na graduação, podem fazer de mim um educador capaz de contribuir como artista/artesão na construção de metodologias facilitadoras que a arte concebe e proporciona seu transitar por outras disciplinas.

Quando da redação no período que frequentava a sala da EJA, mesmo identificando as mazelas que um grupo de brasileiros vinha atentando contra o estado nacional, fiz questão de mostrar os avanços que o país havia conquistado e as possibilidades advindas deles. A descoberta da reserva de petróleo na região marítima conhecida por Pré-Sal³⁷ e a promessa de grande parte de suas riquezas para a educação parece ter acendido o alerta dos dominantes que

³⁷ O pré-sal brasileiro compreende uma extensa reserva de petróleo (de alta qualidade) e de gás natural depositada no fundo do oceano, a mais de sete mil metros abaixo do nível do mar. Essa reserva está sobreposta por uma grande camada de sal que pode alcançar até dois mil metros de espessura. Essa característica dificulta a exploração da área, visto que é necessário o emprego de avançadas tecnologias. Disponível em< Pré-sal no Brasil - Mundo Educação (uol.com.br)>acesso em: 01/02/2021.

não toleram o povo consciente e golpeou o país em uma ação de ‘lawfer’³⁸. Está claro que o golpe não foi somente contra a educação. O plano de violação da educação brasileira, já fora iniciado no outro golpe contra a soberania do país, ocorrido na década de 1960 e consumado no país durante a ditadura militar que durou mais de duas décadas e resvalou a identidade do povo brasileiro, americanizando-o. Naquilo que ficou conhecido como ACORDO-MEC/USAID³⁹, os mandatários da época colocaram nas mãos de educadores norte-americanos os conteúdos e formatos educativos que seriam aplicados nas escolas brasileiras voltadas para o trabalho e não para educação. Formar mão de obra, não cidadãos esclarecidos e autônomos.

Não mais encontrei o nome do autor da frase que muito me ficou guardada: "o presente explica o passado". Entretanto essa máxima expressa por ele, sintetiza a realidade atual do país. Sou de um tempo que para entrar na segunda parte do ensino fundamental, à época o ginásial, era preciso passar por um exame de admissão que exigia energicamente o conhecimento de quatro linguagens básicas nominadas nas disciplinas de Português, Matemática, Geografia e História. Tinha que ser aprovado nas quatro.

Pelo que conheci de meu pai, que estudou até o ensino médio, naquele tempo chamado de ‘Científico’, ficava eu admirado com seus conhecimentos, entre eles citações latinas e francesas. E várias outras fontes de cultura que bebera, possibilitando por exemplo a chefia de um departamento público como narrei no início do trabalho. Nos estágios por onde passei nessa graduação, pude observar o desmonte que foi deliberadamente feito na educação, comparando a distância de conhecimento adquirido, ou melhor subtraído de uma geração para outra. Em uma, você era obrigado a saber para entrar. Hoje permanece livre para ficar e sai sem saber. Até mesmo para cumprir metas a escola tem que os aprovar. Nisso fortalece a máxima citada. Situação assim presenciei em estágio.

³⁸ A grosso modo, *lawfer* é uma guerra travada por meio da manipulação das leis para atingir alguém que foi eleito como inimigo político. É o uso (muitas vezes) abusivo da lei como uma arma de guerra. É a estratégia de utilizar - ou abusar - do direito como um substituto de tradicionais métodos militares para obter sucesso em um conflito. Disponível em < Lula é vítima de Lawfare? Mas o que é isso? (jusbrasil.com.br)> Acesso em: 01/02/2021.

³⁹ Os Acordos “MEC-USAID” foram implementados no Brasil com a lei 5.540/68. Negociados secretamente, só se tornaram públicos em novembro de 1966 após intensa pressão das massas. Foram secretamente negociados e colocados em prática entre; o Ministério da Educação (MEC) do Brasil e a United States Agency for International Development (USAID) para reformar o ensino brasileiro de acordo com padrões impostos pelos EUA. Apesar de ampla discussão anterior sobre a educação (iniciada ainda em 1961 na gestão Jango), essas reformas {Continuada com a “*reforma consentida*” em 1968} foram implantadas pelos militares personagens do regime autocrático instalado em 1964. Se 1968 foi um “ano inacabado” a plano mundial pela repressão que acompanhou o desejo de mudanças, provavelmente **no Brasil** esta afirmação ficou evidente, Sentimos a influência do acordo (*na França se chamou “Plano Fouchet” {Tem estudantes demais nas universidades} sendo este um dos motivos das revoltas estudantis na França em 1968*) até os dias atuais. Disponível em: < *MEC-USAID. O Acordo que Entregou as Diretrizes Da Educação Brasileira aos EUA em 1968 | radio o proletário (radioproletario.com)> Acesso em: 01/02/2021.

Li em algum desses artigos voltados à educação uma citação que explica que somente ela, a educação, conseguiu fazer o império romano dominar os povos que viviam no que é hoje a Espanha. A falta dela ou o seu sucateamento aponta para o que será o futuro científico, cultural e soberano do território. O desconhecimento ilustra com quadros lamentáveis as notícias atuais do país nesse instante de terrível realidade.

A arte tem mostrado seu potencial ao trazer um certo lenitivo para a sociedade nesses tempos. Ela não está apenas no espetáculo ou na obra. Está para muito além. E aquele ‘guarda-chuvas’ de conhecimentos que se abre em uma graduação voltada para esse campo de linguagens, tanto explica como esclarece as contradições enxergadas e não entendidas.

Assim como durante o acordo feito para sucatear a educação, havia por todo o país educadores lutando para o reconhecimento da disciplina arte como campo de conhecimentos a exemplo da educadora Ana Mae Barbosa, que muito contribuiu com os escritos e experiências dando visibilidade à luta e às conquistas da arte-educação, por todo país havia educadores engajados nesse avanço.

Vir para a Cidade de Goiás fazer essa graduação e ouvir relatos da história da escolha dessa cidade para a implantação de um campus do Instituto Federal me fez compreender que algo planejado dentro de um arcabouço epistemológico direciona para resultados de excelência. Nem todo conhecimento vem da academia, mas o que vem, te oferece degraus para ir subindo para um outro patamar. Assim como pude subir do curso EJA para a graduação em Licenciatura em Artes Visuais, os alunos do curso técnico em agroecologia ascendem para o de Agronomia, e os do técnico em Produção de Áudio e Vídeo para o curso de bacharelado em Cinema. Há, portanto, um planejamento. Para além disso, a poética enxergada nesse patrimônio ecológico, arquitetônico e cultural que é a cidade, traduz a vanguarda e a sabedoria da escolha. Das visitas técnicas que fiz a outro campus em outros municípios, pude testemunhar o orgulho que esses demonstram para com essa Instituição em seus limites territoriais.

Em períodos de ataques contra a educação o antídoto é a educação.

De nossa turma, a de 2017, poucos ficaram até o final da graduação. Por alguns fico feliz pelas escolhas que os colocaram no norte correto e tristeza por aqueles que não foram até esse final. Mas outros finais terão. Que sejam esperados e concluídos em um período onde possam sentir o calor do outro. Diferente do que passa agora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, artigos, teses e dissertações:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro; LIMA, Angelita Pereira de. História da Imprensa goiana: dos velhos tempos da colônia à modernidade mercadológica. Revista UFG, dez. 2008, ano X, nº 5, p. 81 – 82. [Dossiê 200 anos da Imprensa no Brasil].

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e Diários Íntimos. Revista Estudos Histórico. Rio de Janeiro, n. 21, 1998.

CHAUL, Nasr Fayad. A construção de Goiânia e a transferência da capital. Goiânia: Ed. UFG, 2001.

MAZZA, Adriana Carla Avelino; IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha; FREITAS, Ana Augusta Ferreira de. O design, a arte e o artesanato deslocando o centro. Cadernos EBAPE, v. 5, nº 4, Dez. 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, (10), dez. 1993.

PEREIRA, Robson Mendonça; MAGALHÃES, Sônia Maria de. O diário íntimo de Altino Arantes (1916 – 1918). Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, 1989.

ROCHA, Leandro Mendes (Org.) Atlas histórico: Goiás pré-colonial e colonial. Goiânia: Editora CECAB, 2001. Vol. 1.

SANTOS, Adelcio Machado dos. Gutenberg: a era da imprensa. Revista Percepções. Caçador-SC, v. 1, jan./jun. 2012, p. 15 – 16. Disponível: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/percepcoes/article/download/25/81/262> acesso em: 06 jan. 2021.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Kaline Cavalheiro da. Autobiografia X Escrita de si. Revista Letras Rasas, v. 7, n. 1, 2018.

TRINDADE, Ana Maria da. Segregação urbana em Goiânia e os jovens da Vila Coronel Cosme. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). PUC, Goiânia, 2009.

Sites:

<http://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/docs/relatorio-christopher-kopper-tac-volkswagen> acessado em: 05 jan. 2021.

https://www.in.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/museu-da-imprensa/acervo/-/asset_publisher/t9VtcTqConVR/content/id/50039879/linotipos acessado em: 05 jan. 2021.

<https://jmonline.com.br/novo/?noticias,19,ALTERNATIVA,143177> acessado em: 05 jan. 2021.

<https://www.historia.uff.br/estadoepoder/7snep/docs/093.pdf> acessado em: 05 jan. 2021.

<http://memoriasdaditadura.org.br/memorial/honestino-monteiro-guimaraes/> acessado em: 05/01/2021.

<http://editoraunesp.com.br/blog/confira-o-conceito-de-alienacao-explicado-por-giddens-e-sutton> acesso em: 06 jan. 2021.

<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ultima-hora> acessado em: 06 jan. 2021.

<https://educalingo.com/pt/dic-pt/normografo> acessado em: 07 jan. 2021.

<https://musicabrasilis.org.br/temas/jovem-guarda> acessado em: 07 jan. 2021.

<http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento> acessado em: 07 jan. 2021.

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-golpe-de-Estado-de-2016-no-Brasil/4/36139> acessado em: 07 jan. 2021.

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-guerra-das-malvinas/> acessado em: 07 jan. 2021.

<https://www.camara.leg.br/radio/programas/534878-ha-35-anos-morreu-clara-nunes/> acessado em: 07 jan. 2021.

<https://www.tuasaude.com/penfigo/> acessado em: 08 jan de 2021.

<https://secom.ufg.br/n/13728-criado-em-1988-tocantins-cresceu-mas-ainda-enfrenta-problemas> acessado em: 08 jan. 2021.

https://www.ebiografia.com/diego_maradona/ acessado em: 08 jan. 2021.

http://www.usp.br/memoriaeresistencia/?page_id=239 acessado em: 09 jan. 2021.

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros/> acessado em: 12 jan. 2021.

ANEXOS

IMAGENS DO ACERVO DO AUTOR

OFICINAS

Fig. 1: Oficineiro com o Digníssimo Reitor Walmir Amado (PUC) e o Professor Altair Sales Barbosa.



Fig. 2 a 4: Oficina Memorial do Cerrado. Goiânia-Go.





Fig. 5 a 9: Festival de Folclore do Memorial Serra da Mesa. Uruaçu – Go.





Fig. 10: Oficina em escola municipal do município de Goiânia



Fig. 11: Na roça da Escola Pluricultural Odé Kayodê da Vila Esperança, ensinando a fazer carrinho de lobeira.



Fig. 12 a 14: Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. No Povoado de São *Jorge*, município de Alto Paraíso durante o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Participação a convite do evento.



Fig. 15: Feira Mundial de Artesanato- Goiânia-Go.



Fig. 16 Goiânia Mostra Artesanato.



TROFÉUS

Fig. 17: Arte em madeira Cedro, para feitura de forma, a ser usada em reprodução das peças - Festival de Violeiros de Anápolis



Fig. 18: Reprodução das peças em resina poliéster. Estrutura de apoio e a base, foi usada a madeira Caixeta.



Fig. 19: Troféu sendo entregue no Festival de Violeiros de Anápolis



Fig. 20 e 21 – Troféus para a Semana de Folclore do Memorial do Cerrado.



TRABALHOS DE ARTE

Fig. 22e 23: Trabalho em barro (São Jorge) junto com artista Kó



Fig. 24: Entalhe “Germinal” Madeira cerejeira



Fig. 25: Entalhe “Retirante ” Madeira Mogno



Fig. 26 e 27: Cartões Telefônicos. Os cartões telefônicos, foram o resultado de parceria entre uma associação de artesãos, Acervo Goiano e à época a estatal Telegoiás, no intuito de fazer conhecido parte do artesanato do estado. Com tiragem de duzentos mil cartões, pode o artesão ter seu trabalho conhecido por muitos lugares e a empresa estampar em seu produto, cultura e identidade.



Fig. 28 a 32: Projeto Reaproveitando a Chapada. O projeto, aconteceu no ao de 2014 no Povoado de São Jorge, município de Alto Paraíso, durante o Encontro de Cultura Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Foi resultado de aprovação da proposta em lei de incentivo, do Fundo de Cultura do Estado.





Fig. 33 a 39: Paleteando e Criando - Trabalhos em reaproveitamento de paletes.





Fig. 40 a 43: Memorial Serra da Mesa Uruaçu- Go. O Professor Altair Sales Barbosa, idealizador do complexo cultural, traçou um percurso na linha do tempo desde a formação das galáxias até o homem degradado com a extinção do cerrado. Para tanto elaboramos peças para o museu, que retratassem específicos períodos geológicos. Os fósseis representados, são animais que viveram no cerrado.

Fig. 40: Construção de uma Cabeça de um Tricerátops medindo 2x2m feita de isopor.



Fig. 41: A escultura coberta com papel machê.



Fig. 42: Ao fundo a escultura de um Diplodocus, medindo 6 metros.



Fig. 43: Participação com xilogravura na Semana de Folclore do Memorial Serra da Mesa.



Fig. 44 a 51: Arte Festival Folclore Memorial do Cerrado

Fig 44: Esculturas para o quilombo. Réplica do “Homem da Serra do Cafezal”.

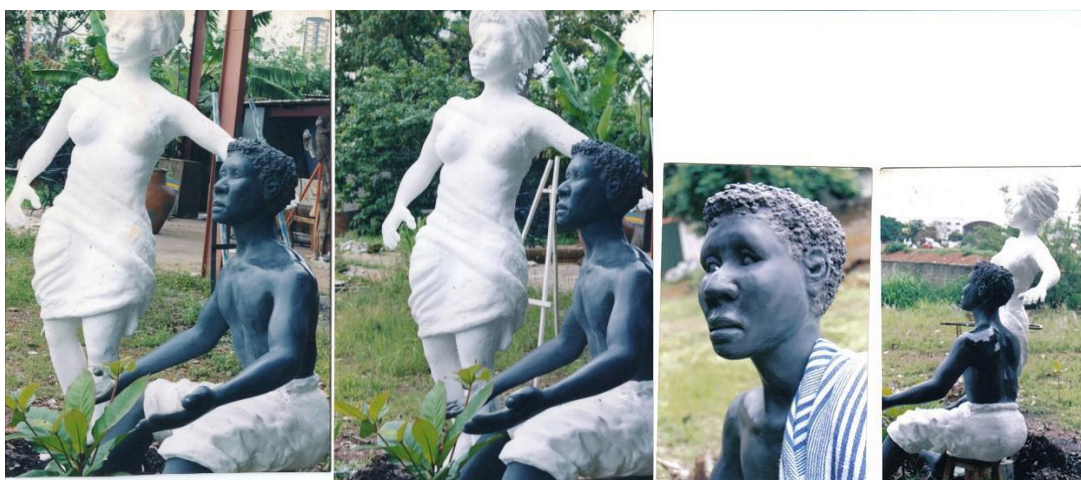


Fig. 45: Cabeça Olmeca, construída em isopor e posteriormente revestida de massa de rejunte. Ao lado Lucas Moraes Ferreira, integrante da equipe de construção.



Fig. 46: Esqueleto de 11.500 anos desenterrado no município de Serranópolis, pela equipe de Arqueologia da PUC, sob a supervisão do Professor Altair Sales Barbosa. Revestida de massa de rejunte e cola branca.



Fig. 47: Réplica em tamanho natural da “Porta do Sol”, monólito feito pelo povo Tiahuanaco, grande civilização de construtores que viveram onde hoje é a Bolívia.

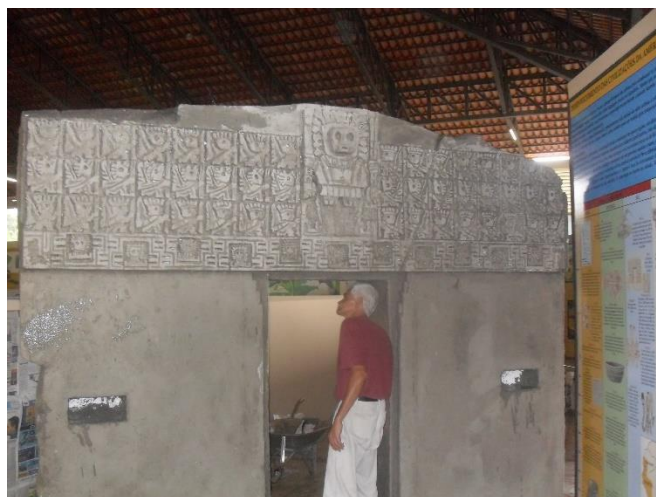


Fig. 48: Esboço em isopor para a construção de peças para a representação da “Evolução Humana”, parte integrante do museu.



Fig. 49: Evolução Humana, revestida em papel machê.



Fig. 50: Entalhe do Calendário Asteca.



Fig. 51: Calendário exposto no museu.



Fig. 52 a 64: Instituto IPEC Pirenópolis. O Instituto é voltado para a permacultura. Nele, a convite do saudoso artista Washington, o Palhaço seu Menino da Cia Bokemboca, eu e outros artistas fizemos para essa instituição o “Túnel do tatu”. Faz parte desse complexo de educação, onde sua função é trazer para o visitante conhecimento sobre a importância dos seres vivos que vivem na primeira camada do solo, para a saudável existência do cerrado. Nesse trabalho, a artista Waldira citada na apresentação do trabalho, foi de fundamental importância tanto na presença quanto no trabalho. As espécies, foram produzidas em uma escala ampliada, possibilitando melhor visualidade dos nichos elucidativos espalhados no ambiente do túnel feito artificialmente. Fotos: Maria Waldira.

Fig. 52: Formigueiro (Formiga Cabeçuda),



Fig. 53: Cupinzeiro



Fig. 54: Larva de cupim



Fig. 55: Calango



Fig. 56: Tatuzinhos-de-jardim



Fig. 57: Calango

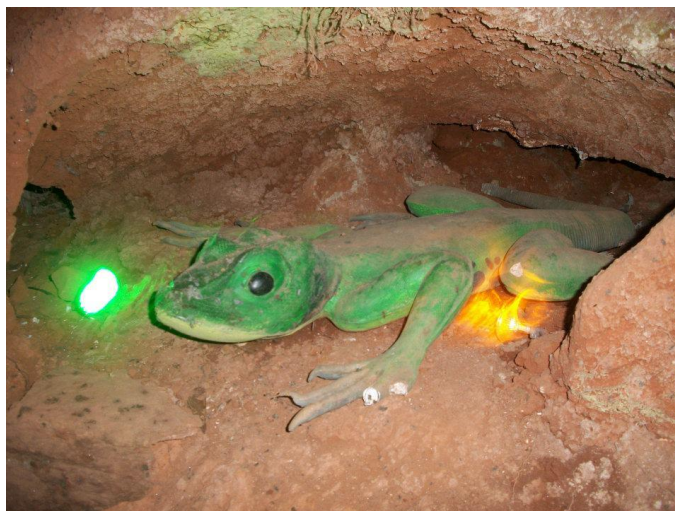


Fig. 58: Formiga Cabeçada



Fig. 59: Minhocário



Fig. 60: Artista Waldira



Fig. 61: Tatu



Fig. 62: Inseto aleluia



Fig. 63: Escorpião atacando uma centopeia



Fig. 64: Desenvolvimento do besouro



Fig. 65 a 67: Arte para Festival Memorial do Cerrado



Fig. 68 a 74: Fotos Pessoais

Fig. 68: Publicação Jornal Diário da Manhã, abril de 1980



Fig. 69: Publicação Jornal Diário da Manhã, dezembro de 1981



Fig. 70: Publicação Jornal Diário da Manhã, abril de 1980



Fig. 71: Festival de Inverno Chapada dos Guimarães MT, 1984



Fig. 72: Expondo na Praça do Coreto. Foto Agência Publicidade IFG



Fig. 73: Trabalhando na Praça do Coreto. Cidade de Goiás. Foto Fernando Arkanjo.



Fig. 74: Com Fatinha das Fibras, velha amiga



Fig. 75: Turma do curso Técnico em Artesanato na modalidade EJA do IFG Câmpus Cidade de Goiás



Fig. 76: Ateliê do IFG Câmpus Cidade de Goiás com colega do curso técnico em Artesanato/EJA



Fig. 77 a 00: Momentos Licenciatura em Artes Visuais – IFG Câmpus Cidade de Goiás

Fig. 77: Construção de forno para queima de cerâmica no IFG Câmpus Cidade de Goiás



Fig. 78: Exposição em evento com a turma da Licenciatura em Artes Visuais – IFG Câmpus Cidade de Goiás



Fig. 79: Exposição em evento com a turma da Licenciatura em Artes Visuais – IFG Câmpus Cidade de Goiás, com professoras Flora Ruiz, Ádria Borges e Márcia.



Fig. 80: Turma de Licenciatura em Artes Visuais – IFG Câmpus Cidade de Goiás



Fig. 81: Turma de Licenciatura em Artes Visuais – IFG Câmpus Cidade de Goiás, com professora Aiá



Fig. 82: Turma de Licenciatura em Artes Visuais – IFG Câmpus Cidade de Goiás, com professora Aiá



Fig. 83: Com professora Naira Rosana e colega Kó do curso de Licenciatura em Artes Visuais – IFG Câmpus Cidade de Goiás



Fig. 84: Exposição de xilogravura junto a primeira turma do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal- Campus Cidade de Goiás. (Ao fundo a Professora Flora)



Fig. 85: Aula com a professora Flora Ruiz do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal- Campus Cidade de Goiás.



Fig. 86: Assinando uma impressão para a aluna Suelen, que finalizava o curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal- Campus Cidade de Goiás.



Fig. 87: Apresentação do trabalho do colega do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal- Campus Cidade de Goiás, José Rogério Carvalho, o artista Kó, que me convidou trazer a xilogravura para uma apresentação de trabalho durante o curso.

